



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – HIS

Gabriela da Silva Santos

Sinais de Marózia: narrativa e relações de poder na obra
***Antapodosis* (c.962), de Liudprando de Cremona**

Brasília

2021

Gabriela da Silva Santos

**Sinais de Marózia: narrativa e relações de poder na obra *Antapodosis*
(c.962), de Liudprando de Cremona**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Duarte Rust

Brasília

2021

AGRADECIMENTO

Este é o momento em que tentarei exprimir, em poucas palavras, o meu sentimento de agradecimento àqueles que me ajudaram de diversas maneiras a percorrer o itinerário acadêmico.

Agradeço, primeiramente, ao Eterno Bom Deus, por me conceder a graça de concluir este curso e de me manter firme nessa jornada. Agradeço à minha mãe, que me ajudou nos momentos de crises e desejo de desistência, acima de tudo, pela compreensão e paciência que teve comigo. Ao meu pai (*in memoriam*): onde ele estiver, sei que estará feliz por essa minha conquista. Amo vocês!

Meus agradecimentos vão, também, ao meu amigo/irmão, o qual tenho muito orgulho por fazer parte da minha vida, Marcos Antonio, que, mesmo estando em outro estado e atarefado com suas obrigações, me ajudou, seja nas correções ou no apoio a sempre perseverar e nunca desistir. Digo que você me ajudou a conseguir chegar até o fim dessa graduação: meus sinceros agradecimentos. Igualmente, agradeço às minhas amigas Kássia, ou melhor, Kassinha, e Milena Rocha: tenho muito apreço pela nossa amizade; vocês foram essenciais nessa trajetória, pois me acalmavam, me situavam nos lugares na UnB, me esperavam ao final das aulas, sempre estiveram à disposição para me ajudar. Não faltam adjetivos para expressar a importância de todos, não só academicamente falando, mas também na minha vida pessoal. A vocês, meu carinho e gratidão eterna.

Antônio e Esther, vocês foram fundamentais nessa trajetória: alegravam as minhas manhãs, divertiam o momento de almoço, tornavam leve a forma de levar as disciplinas... Enfim, há muitos atributos que poderia usar para definir a amizade que pude construir com vocês. Muito obrigada pela incrível parceria e companheirismo.

Ao meu orientador, meus sinceros agradecimentos pela paciência e suporte dado durante esse tempo de orientação. Aprendi muito com você e com a oportunidade de participar do grupo de estudos.

Agradeço, por fim, à banca que aceitou fazer parte desse dia.

RESUMO

No final do século IX e início do século X, a Itália estava na transição do fim do Império Carolíngio. Nesse contexto, na política italiana, vigorou o governo feminino de Marózia ou pejorativamente representado como o governo das meretrizes. Considerando esse aspecto, o trabalho recorrerá à crônica de Liudprando de Cremona, *Antapodosis*, a qual será analisada. O trabalho apresentará duas abordagens historiográficas, as quais foram mais relevantes para o tema: a tradicional e a de revisão. Em seguida, será mostrada a força persuasiva na construção de uma narrativa misógina, sendo resultante da tradição cristã. E, por fim, será feita a análise evidenciando os sinais de poder exercidos por Marózia na obra de Liudprando. Para melhor identificação e busca desses sinais de poder que são apresentados de maneira sutil, a pesquisa terá como auxílio metodológico a interlocução com Carlos Ginzburg, a qual, por meio dos “métodos indiciários” auxiliará na análise de cada um dos sinais.

Palavras-chave: Marózia; estereótipos; sinais; poder; Império Carolíngio.

ABSTRACT

At the end of the 9th century and at the beginning of the 10th century, Italy was in transition from the end of the Carolingian Empire. In this context, in Italian politics, the female government of Marózia or pejoratively represented as the government of harlots or pornocracy prevailed. In this sense the work will use the chronicle of Liudprando de Cremona, *Antapodosis*, since it will support the objectives about the research. The paper will present two historiographical approaches, which were more relevant to the theme: traditional and revision. It will then be shown the persuasive force in the construction of a misogynistic narrative, resulting from the Christian tradition. And finally, the analysis evidencing the signs of power exercised by Marozia in the work of Liudprando. For better identification and search of these signs of power that are presented in a subtle way, the research will have as methodological aid the interlocution with Carlos Ginzburg, which, through the “indiciary methods” will help in the analysis of these signs.

Key-words: Marózia; stereotypes; signs; power; Carolingian Empire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – REVISÃO HISTORIOGRÁFICA	12
<i>1.1 História Tradicional</i>	12
<i>1.2 História de Revisão</i>	15
CAPÍTULO 2 – OS SINAIS DO PODER CORROMPIDO: A FORÇA DA PERSUASSÃO DE ANTAPODOSIS	18
<i>2.1 Teodora: A culpa dos antepassados como fonte de transgressão</i>	18
<i>2.2 Marózia: A semente da dominação herdada dos antepassados floresce</i>	24
<i>2.3 Marózia: A corrupção do casamento como autoria pecadora</i>	28
CAPÍTULO 3 – OS SINAIS DE PODER LEGÍTIMO: A OUTRA MARÓZIA ABRIGADA NO INTERIOR DE ANTAPODOSIS	32
<i>3.1 Um senhor é aquele que comanda exércitos: As tropas de Guido e Marózia</i>	33
<i>3.2 Uma estratégia comum nas disputas entre os poderosos: A política marital</i>	38
<i>3.3 A autoridade habita castelos: As fortificações como sinal do poder legítimo</i> ..	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

Há uma personagem do século X que ganhou destaque no cenário político romano. Todavia, esse espaço ocupado por tal personagem apresenta, exclusivamente, características negativas e que são atribuídas a uma das piores reputações da História¹. “Abelha rainha da pornocracia²”, “prostituta dos papas³”, “tremenda Vênus⁴”, “prostituta do império⁵”, “linda como uma deusa, ardente como uma cadela⁶”, “adúltera⁷”..., são alguns dos adjetivos que caracterizam essa personagem. Seu nome: Marózia. Ela teria nascido por volta do ano 880, oriunda de uma família nobre, do alto poder aristocrático, filha do *senator* Teofilato I e Teodora. Amante de um papa, mãe e avó de pontífices, assim ela costuma ser apresentada no cenário da história papal. Por volta do ano 900, aos quinze anos, sua mãe, Teodora, a entrega como amante ao Papa Sérgio III – ao menos assim tal relação costuma ser qualificada – e dessa relação nasce João, que, poucos anos depois, ocuparia a cadeira de São Pedro e se tornaria o Papa João XI. Algumas narrativas afirmam que o papado, de Sérgio III a João XI, foi completamente absorvido por um *Saeculum obscurum*, e o tempo que a família Teofilato ficou no poder costuma ser reconhecido como a “pornocracia romana⁸” ou o “governo romano de prostitutas⁹”.

A imagem de Marózia, juntamente com sua posição política, foi historicamente distorcida e sua complexidade, perdida. Uma das características que, muito provavelmente, mais sofreu com essa simplificação historiográfica é a que se refere à

¹ Há grande carência de estudos científicos acerca de Marózia. Até o exato momento, os meios para realizar a pesquisa e encontrar dados a seu respeito foram sites, blogs, enciclopédia, a qual possui um só verbete, e Wikipédia, páginas não muito confiáveis. Os livros utilizados e que a mencionam tratam-na de maneira secundária em suas narrativas.

² CASALI, Arnaldo. **Marozia, ape Regina dela Pornocrazia**. In: Festival del Medioevo. Disponível em: <https://www.festivaldelmedioevo.it/portal/marozia-ape-regina-della-pornocrazia/>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

³ Idem.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ **Marozia, La Papessa Della Pornocrazia**. In: Il Nuovo Mondo di Galatea. 4 fev. 2014. Disponível em: <https://galateavaglio.com/2014/02/04/marozia-la-papessa-della-pornocrazia/>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

⁷ Idem.

⁸ **Marozia Regina D' Italia**. In: Rome and Art. Roma: 3000 anni di storia, arte, architettura e cultura. Disponível em: <https://www.romeandart.eu/it/arte-marozia-regina-italia.html>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

⁹ DESCHNER, Karlheinz. **Historia criminal del cristianismo: Siglo X: Desde las grandes invasiones normandas hasta la muerte de Otón II**. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, S. A., 1998. p. 180.

atuação de Marózia na política romana do século X. Marózia e sua família comandaram o poder romano durante as décadas seguinte a 900. Esse não é um tipo de poder que se pode considerar como tendo por base a luxúria e alguma forma de personificação de uma cena política corrupta, como costuma ser representado pela historiografia.¹⁰ Diante das distorções e características impostas à imagem de Marózia, busquei entender o poder de persuasão implicado na construção dessa reputação e, igualmente, se era possível fazer uma leitura crítica a respeito dessa imagem. Objetivos que podem ser resumidos nesta pergunta: quais seriam as particularidades e as redes de significado envolvidas nos estereótipos acerca de Marózia? Partindo dessas considerações e em busca para melhor compreensão dessa imagem, encontrei uma narrativa que figura como o principal ponto de sustentação de toda essa reputação: trata-se da obra do Bispo Liudprando de Cremona.

Liudprando nasceu em Pávia, por volta do ano 900, vindo de família poderosa. Conforme o historiador Paul Collins, ele amava sua cidade e a considerava mais elevada do que Roma. Dessa maneira, em 931, Liudprando integra o círculo de clérigos próximos do rei Hugo de Arles, no caso como um dos integrantes do coral – segundo ele mesmo¹¹. Contudo, em 945, Hugo é derrotado pelo marquês Berengário de Ivrea. “Enquanto isso, a família politicamente astuta de Liudprando garantiu que ele fosse gradualmente retirado da corte de Hugo e apresentado a Berengário II (950-966)”¹². Ao longo do governo de Berengário, Liudprando figurou como embaixador. Porém, segundo sua própria memória, o futuro bispo de Cremona percebia a astúcia e maldade com que o marquês espalhava sobre o reino da Itália. Devido a isso e a outras desavenças, Liudprando deixou Berengário II e se juntou a Oto I, em quem, segundo ele, percebia grande força política, capaz de se tornar o novo monarca do território italiano.¹³ Poucos anos depois, Oto

¹⁰ Cito como referências os trabalhos de:

CASALI, Arnaldo. **Marozia, ape Regina dela Pornocrazia**. In: Festival del Medioevo; Marozia, La Papessa Della Pornocrazia. In: Il Nuovo Mondo di Galatea, 2014; MAROZIA. In: **Dizionario Biografico degli Italiani**. Treccani, vol 70. 2008; MONACO, Annalisa. **Marozia: l’ultima Imperatrice dela “Pornocrazia Romana”**. In: Vanilla Magazine; ZUBIRÍA, Susana Castellanos. *Mujeres perversas de la historia*. Bogotá, 2008.

¹¹ At that time I was so prized because I obtained King Hugh’s favor by the sweetness of my voice; for he loved good singing that much, a field in which none of the boys of my same age could outdo me. CREMONA, L of. **The Complete Works of Liudprand of Cremona**. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2007. Tradução de: Paolo Squatriti. p. 141.

¹² COLLINS, Paul. **The Nadir of the Papacy**. In: *The Birth of the West: Rome, Germany, France, and the Creation of Europe in the Tenth Century*. First Edition. ed. United States: PublicAffairs, 2013. p.254.

¹³ When another [king] arises, to be venerated the world over, a son similar to the famous father [king Henry]: King Otto, who will pursue the nations, with great authority and bring blessed peace. Whatever

ingressa em Pávia, como conquistador, embora sem ter realizado nenhum ataque, já que Berengário havia se refugiado em Friuli, e assume o poder sobre o reino italiano. Dessa forma, Oto faz-se monarca e Liudprando, conforme Collins aponta, exerce a função de capelão régio, administrador e diplomata no novo governante. Por volta de 960, Oto I é coroado imperador. Precisando de novos apoiadores de confiança para assumir o governo das estratégicas dioceses do novo reino, Oto I elege Liudprando como bispo de Cremona, o que ocorreu em algum momento antes de sua participação na missão a Constantinopla, em 968.

A narrativa a que essa pesquisa se dedica está atrelada ao nome de Recemundo, embaixador, de Abd-Rahmã II, conhecido “como Recemundo na Europa Latina e chamado ‘bispo’ como uma cortesia, foi clérigo cristão que serviu os califas de Córdoba¹⁴” e enviado à corte de Oto I. Ele teria conhecido Liudprando em meio aos compromissos políticos desses encontros. Segundo o clérigo itálico, em 956, esse bispo de Elvira, Recemundo, pede-lhe, pessoalmente, para compor uma obra de caráter historiográfico. Desse pedido, nasceu *Antopodosis*, nome que significa “Contra movimento”. Trata-se de uma crônica, segundo Paul Collins, sobre desavenças, intrigas, escândalos e os feitos de personagens que tiveram grandes influências na política italiana do século X. Liudprando atende ao pedido e diz o seguinte acerca do motivo de essa sua crônica ter esse nome:

O propósito desse trabalho é o seguinte: a saber, retratar, tornar público e reclamar dos feitos deste Berengário que hoje em dia não tanto governa como tiraniza na Itália, e de sua esposa Willa, que é apropriadamente chamada de uma segunda Jezebel, por causa da imensidão de seu despotismo [...]. Pois, sem uma boa razão, eles soltaram sobre mim e minha casa, minha linhagem e família, tantos mísseis de mentiras [...] que nem a língua é capaz de pronunciá-los, nem a pena de escrevê-los. Portanto, deixe esta página ser *antapódosis*, isto é, retribuição, quando, em troca de minhas calamidades, eu revelarei para as gerações presentes e futuras seus [...] ‘sacrilégios desavergonhados’¹⁵.

ended with Henry’s demise, this one offers back to the people by his high birth, kind and gentle and patient towards the holy, virulent and hard and rabid towards the savage. There are wars for you to fight, Otto, with several enemies, by which, bringing back a name known in all the galaxies. CREMONA, L of. **The Complete Works** ... op.cit., p. 152.

¹⁴ Known as Recemund in Latin Europe and called “bishop” as a courtesy, was a Christian cleric who served the caliphs of Cordoba. Idem, p. 42.

¹⁵ To which I answer: the purpose of this work is this: namely, to depict, make public, and complain about the deeds of this Berengar who nowadays does not so much rule as tyrannize in Italy, and of his wife Willa, who is appropriately called a second Jezebel on account of the immensity of her despotism [...]. For without

A crônica *Antapodosis*, de Liudprando de Cremona, será a fonte analisada para a busca por alcançar os objetivos que definem minha pesquisa. A obra foi escrita com a declarada intenção de Liudprando de se vingar daquele que considerava ser seu principal adversário: seu antigo patrono, Berengário II, rei da Itália. Para o narrador, o texto era parte de um esforço maior, liderado pela figura de Oto I, para que a Itália se libertasse da tirania. Em *Antapodosis*, pode-se observar a raiva que Liudprando despeja sobre Berengário e sua esposa, Willa. E é ao longo dessa obra, marcada por um tom de censura e denúncia acerca da política itálica, que o cronista menciona a família dos Teofilatos, na qual encontramos Marózia, personagem central dessa pesquisa. As menções feitas acerca dela consistem em apenas quatro capítulos. Mas, a julgar pelo conhecimento acumulado na historiografia, esses quatro capítulos foram suficientes para selar sua imagem histórica. Será para esse material que convergirão as análises desta pesquisa.

A versão adotada para a investigação encontra-se no livro “The Complete Works of Liutprand of Cremona”, publicado pela editora The Catholic University of American Press, em edição de 2007. O exemplar foi traduzido para o inglês por Paolo Squarritti, consistindo em uma das traduções mais atualizadas e de maior credibilidade para a obra em questão. Nesse livro, apresentam-se as quatro obras de Liudprando: a única homilia preservada; a *Antapodosis*, traduzida como “Retribuição”, e que será analisada aqui; os feitos do Rei Oto; e os relatos de sua visita a Constantinopla. A crônica é dividida em seis livros e, cada um deles, em diversos capítulos.

Os manuscritos originais no latim de *Antapodosis* foram digitalizados e podem ser encontrados no site da Biblioteca Estadual da Baviera. A versão em inglês é a tradução do texto que consta no manuscrito “*Antapodosis, seu rerum per Europam gestarum, Libri VI. Liber de rebus gestis Ottonis. Chronica quam Regino quondam abbas Pruniensis composuit*”, preservado sob o código BSB: Clm 6388. Quanto à descrição do manuscrito, são 198 fólios¹⁶. Tive acesso à versão bilingue, porém não houve tempo hábil para acrescentá-la na presente pesquisa.

a good reason they let loose at me and my house, my lineage and family such great missiles of lies, [...] that neither is the tongue capable of uttering them nor the pen of writing them down. Therefore, let this page be antapódosis, that is, retribution, when in return for my calamities I will lay bare for present and future generations their “shameless sacrilege. Idem, pp.111 -112.

¹⁶ O acesso à obra é possível por meio do link: <https://daten.digitale-sammlungen.de/bsb00006691/images/index.html?fip=193.174.98.30&seite=20&pdfseitex=> .

A pesquisa se proporá a explicar as razões para o poder de persuasão da narrativa do bispo de Cremona, buscando assim entender como foi possível não apenas a formulação, mas a consolidação dos estereótipos em relação a Marózia. Além disso, também verificarei a possibilidade de considerar uma leitura crítica dessa caracterização histórica a partir da própria narrativa. A metodologia usada para auxiliar na formulação do exame resulta de uma interlocução com o historiador italiano Carlos Ginzburg, uma vez que a análise da crônica será construída através da aplicação do “método indiciário”. Segundo Guizburg, tal método foi concebido para a projeção de “sinais”, indícios muitas vezes dispersos e superficiais, como evidência de significados nem sempre explícitos. Como tal, procurar-se-á por sinais, na narrativa de Liudprando, que demonstrem os significados atrelados ao poder exercido por Marózia em Roma. Em vista disso, Ginzburg afirma “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”¹⁷. Dessa maneira, buscar-se-á decifrar tais sinais ao longo da crônica.

O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro tange à revisão bibliográfica. Nessa parte, analisarei as duas abordagens historiográficas que encontrei como relevantes para o conhecimento do tema: a tradicional e a de revisão. Ao me referir à tradicional, apresento autores que expõem a política romana do século X com as características marcantes de uma aguda crise política, social e religiosa. Quanto à historiografia de revisão, esta busca apresentar outra perspectiva acerca da passagem para o século X e um novo olhar acerca do governo de Carlos III, o último imperador carolíngio, já que o recorte temporal dessa pesquisa é próximo ao fim do último governo carolíngio.

No segundo capítulo, testarei a primeira parte da minha hipótese de pesquisa, que consiste em propor que a força persuasiva da narrativa de Liudprando resulte de uma mobilização de imagens e referências enraizadas na tradição cristã. Portanto, o poder de perpetuação dos estereótipos a respeito de Marózia seria, em parte, a própria força da tradição da cultura escrita cristã. Apresentar-se-ão, sobretudo por meio de associações

¹⁷ GINZBURG, Carlos. **Sinais raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. 4^a reimpressão. 1989. São Paulo: Companhia das Letras. p.177.

com textos patrísticos e cartas paulinas, narrativas que, anteriormente elaboradas, criam uma consistente correspondência com o discurso do cronista.

Por fim, no último capítulo, mostrarei sinais expressivos sobre o poder que, encontrados na crônica, também estão associados à figura de Marózia – embora de uma maneira sutil, nem sempre explícita. Utilizando a metodologia de Ginzburg, tentar-se-á responder à questão-chave através das demonstrações de que esses sinais, inscritos pelo próprio bispo, indicam que Marózia exerceu o poder de modo efetivo e, sobretudo, legítimo na política romana. Em suma, este é um trabalho em caráter introdutório sobre um personagem difícil de ser explicado. Trata-se de uma figura que a pesquisa analisará, por meio da leitura crítica e qualitativa, evidenciando a maneira que Lidprando a narra em sua crônica com um jogo sutil de referências que ocorre no interior do discurso em questão.

Capítulo 1: Revisão Historiográfica

Neste capítulo, será analisado, por meio da revisão historiográfica, um panorama de ideias sobre o período contemplado neste TCC, final do século IX e início do seguinte. Após as leituras feitas, concluiu-se que, para a presente pesquisa, a historiografia está distribuída em dois conjuntos: a tradicional, que caracteriza o século IX como o período de crises em todos os setores, o político, o econômico, o religioso e o social, e a historiografia de revisão, a qual apresenta o aspecto contrário, desconstruindo a noção de crise e buscando minimizar e relativizar a certeza de que as evidências indicam uma sociedade caótica. A seguir, tratarei de cada uma delas.

1.1 Historiografia Tradicional

No campo historiográfico de visão tradicional, situam-se os seguintes autores: Paul Collins, Eamon Duffy, Karlheinz Deschner, Jacques Le Goff e Jérôme Baschet. Os autores possuem particularidades em suas narrativas, porém analisarei apenas suas ideias acerca da crise do fim do século IX, seja política ou religiosa. O historiador e escritor australiano Paul Collins apresenta os séculos IX e X como períodos marcados por crises amplas, desarticulações políticas agudas, alianças instáveis e reinado tênue. Para Collins, a crise estava sempre presente no cotidiano dos romanos.

Mas Roma, e, mais amplamente o Norte e o centro da Itália ilustram vividamente o colapso de qualquer forma de governo central e a instabilidade constante causada por uma série de iniciantes locais que tomam o poder para si próprios, o que era típico da primeira metade do século X.¹⁸

Portanto, ao final do século IX, a Europa estava em colapso e seus territórios esfacelados em razão do vácuo de poder que ocorria com o fim do Império Carolíngio. De acordo com essa escrita da história, após a morte do último imperador, Carlos III, não havia sucessor legítimo para governar seus territórios. Com isso, deu-se a oportunidade para que outras pessoas pudessem tomar o poder em diversas localidades. Contudo, Collins afirma que, além de o setor político ter sido atravessado por instabilidade e decadência, o campo religioso, igualmente, vivia momentos de penúria, pois se

¹⁸ COLLINS, Paul. *The Nadir of the Papacy...* op. cit., p. 88.

encontrava em estado de crise espiritual e moral. A falta “de monges foi acompanhada por um declínio na espiritualidade e no aprendizado. [...]. A classe alta não queria mais se unir às comunidades monásticas, porque isso não fornecia mais acesso ao poder e ao prestígio”¹⁹. No âmbito moral, a protagonista da crise do pontífice, de acordo com o autor, seria Marózia, pertencente à família Teofilato. Há registros de que esta se relacionava com o papa Sérgio III e dessa união nasceu seu filho João, que, logo mais, em março de 931, se tornaria o Papa João XI. À vista disso, segundo essa perspectiva, ela procurava meios para ampliar seu poder, e uma dessas saídas foi tornar seu filho Sumo Pontífice. De acordo com Collins: “Ela [Marózia] pretendia usar o filho para expandir seu próprio poder além do *Patrimonium Petri*, enquanto procurava criar uma Itália mais ordenada e estável”²⁰. Considerando esse mesmo caminhar historiográfico, cito um historiador irlandês, Eamon Duffy, pois, não diferente de Collins, ele também afirma que todo o período posterior ao fim do Império Carolíngio foi marcado por crises. Ambos carregam em seu discurso o traço da crise, seja política ou religiosa, que perdurou no decorrer do Império Carolíngio. Para Eamon Duffy,

O império de Carlos Magno já estava repartido entre seus descendentes rivais. No final do século IX, já não era sequer ficção. O papado realizara o parto do império porque precisava de um protetor forte. Com a dissolução deste, os pontífices ficaram à mercê do ninho de cobras da política italiana²¹.

Diante do exposto, chega-se à conclusão de que havia constantes crises no papado: “privado do apoio do império, o papado se converteu em possessões das grandes famílias romanas, uma rampa de acesso ao poder local, pela qual os homens estavam dispostos a estuprar, matar e roubar”²². A fim de confirmar tal assertiva, basta considerar, indicam os autores, o caso do papa João VIII, assassinado por Sérgio III, o qual, logo após, foi seu sucessor e, segundo a historiografia, amante de Marózia. Duffy afirma que “não era boa a reputação dos papas do ‘século das trevas’”²³. A maioria dos que ocuparam a cadeira de São Pedro chegaram ao poder por conta de famílias aristocráticas poderosas, sendo

¹⁹ Idem, p. 79.

²⁰ Idem, p. 70.

²¹ DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores: História dos papas**. Segunda Edição. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.p. 82.

²² Idem, p. 83.

²³ Idem.

uma delas a família Teofilato. Em relação ao mesmo contexto, Karlheinz Deschner, historiador alemão, reconhece os séculos IX ao XI como séculos obscuros, repletos de crimes. No período em questão, percebe-se que há uma crise papal: desistência no papado, mortes planejadas de seus sucessores e papas frequentemente excomungados. Diante desse cenário, a crise no papado estava acontecendo, uma vez que o clã Teofilato configurava-se com “algumas damas ambiciosas e de vida agitada e imoral. O rótulo de ‘governo romano de meretrizes’ ou ‘pornocracia’ foi dado a este período”²⁴. Desse modo, a crise política também teria afetado decisivamente as autoridades reais italianas, cujo reino ruiu nessa transição do fim do Império Carolíngio para o século X.

Outra historiografia que caracteriza e resume o final do século IX de modo semelhante é a das grandes sínteses históricas, o que envolve nomes como Jacques Le Goff e Jérôme Baschet. Para Le Goff, o século IX foi marcado por crises internas e externas. As invasões dos Escandinavos, Normandos e Vikings, conforme Le Goff, desenharam o cenário de agudas crises externas. Já as questões internas à Cristandade, as conturbadas sucessões ao trono carolíngio e, principalmente, a partilha do Império provocaram uma longa instabilidade social. Le Goff diz a seguinte afirmação:

Vieram então a rebelião dos filhos contra o pai, conflitos entre os próprios irmãos, novas partilhas e peripécias que se avolumaram levando o imperador a perder toda a autoridade [...]. Mas após [a morte de Carlos III] em 888 a unidade carolíngia se desfez rapidamente.²⁵

Diante dessa passagem, Le Goff faz uma pequena descrição dos acontecimentos internos que estavam ocorrendo em Roma. Dessa forma, o fim do Império Carolíngio foi marcado por crises e foi no decorrer desse processo que se formaram elementos do sistema feudal, uma vez que, com o império em crise, os poderosos puderam assumir o poder econômico e público de suas localidades. Outro ponto que o autor afirma é acerca do Império e a dinastia que ruem após 888, com a morte de Carlos III: a unidade carolíngia se desfaz de forma vertiginosa e, logo em seguida, dá-se início à idade feudal no pós-carolíngio. Com Baschet, a divisão territorial amplia as rivalidades entre os carolíngios,

²⁴ DESCHNER, Karlheinz. **Historia criminal del cristianismo...** op. cit., p.180.

²⁵ LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**; tradução José Rivair de Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 49.

que se torna cada vez mais acentuada, dado que estava mais difícil assegurar a fidelidade dos aristocratas e dos condes ao imperador carolíngio. Para Baschet, a relação entre o Império Carolíngio e o papado era de grande importância no século IX. Le Goff e Baschet apresentam a mesma ideia de que o fim do século IX foi marcado por crises que atingiram diretamente os padrões existentes da política envolvendo o papado. Observam-se, no fragmento que Baschet expõe, as causas do esfacelamento do império:

A experiência carolíngia foi de curta duração. Ela mantém-se e consolida-se, em certos aspectos, durante o reinado de Luís, o Piedoso [...]. [Com isso, após a sua morte] divide o Império entre seus três filhos. Se este tratado [de Verdun] [...], ele não chega a apaziguar as rivalidades no seio da dinastia carolíngia, que apenas se ampliam. A estas dificuldades somam-se as desordens provocadas pelas incursões normandas e a pressão sobre a fronteira oriental, bem como o rápido agravamento das fraquezas internas do Império. [...] Nada funciona, a tendência centrífuga é irreversível.²⁶

1.2 Historiografia de Revisão

Outra narrativa nos é apresentada, a historiografia de revisão, com o historiador, Simon McLean, acerca do fim do Império Carolíngio. Ele aborda de maneira abrangente a noção de política carolíngia, uma vez que propôs a revisão de pensamento político a respeito da transição do Império. Provavelmente, há outros autores que abordam tal tema, porém deter-me-ei apenas nesse como historiador de abordagem revisionista. McLean traz uma reanálise dessa imagem e do que teria sido o governo do último Imperador Carolíngio. É necessário, segundo o autor, examinar as fontes e levar em consideração seu contexto de maneira mais crítica, considerando uma relação maior de possibilidades e alternativas, em vez de sujeitar as informações aos padrões historiográficos tradicionais, já arraigados. Assim sendo, McLean apresenta pontos a respeito do governo de Carlos III. O primeiro deles a ser exposto é o fim da dinastia. Para McLean,

Embora a crise dinástica de 888 tenha anunciado a desintegração do império como uma unidade, em termos de vocabulário, forma e estrutura da política havia muitas continuidades. Os reinos, principados

²⁶ BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América**. 1ª. ed. São Paulo: Globo, 2006. p. 77.

e ducados pós-imperiais surgiram de unidades e comunidades que foram criadas ou endossadas pelos carolíngios.²⁷

McLean continua dizendo que o fim do monopólio dinástico carolíngio foi resultado da junção de vários acontecimentos e circunstâncias o que ocasionou a queda do Império, mas não necessariamente do mundo carolíngio. Vale ressaltar que a dinastia Carolíngia não findou com a morte de Carlos III:

Claramente, a dinastia carolíngia *per se* (por si só) não desapareceu com a morte de Carlos, o Gordo. O próprio Arnulf [seu sobrinho que usurpou do poder] era filho de um rei carolíngio legítimo, outros entre os *reguli* descendiam de Carlos Magno na linha feminina e, no oeste da Francia, descendentes diretos da linhagem masculina de Carlos, o Calvo, continuaram a deter o poder real intermitentemente até 987. O sangue carolíngio ainda significava algo por pelo menos um século depois de 888²⁸.

O Império tinha ruído, porém a dinastia permanecia. O império vivia em declínio, mas não em uma crise social, pois os carolíngios sabiam se reinventar. Pode-se até afirmar que a dinastia se encontrava em crise; contudo, a sociedade não. Vale esclarecer que, para McLean, os conflitos não são sinônimos de crise, pois havia longo histórico de conflitos no interior do Império. Entretanto, o governo carolíngio era elástico, estava em permanente adaptação. “Os carolíngios foram, portanto, capazes de extrair excedentes económicos de recursos para além da terra que controlavam imediatamente, como senhorios do seu próprio argumento”²⁹.

Durante o final do Império Carolíngio, o que se observa é o impacto de uma importante questão sociopolítica. Pode-se dizer que o Império Carolíngio se encontrava na intercessão entre o rei e a aristocracia, isto é, o poder real dependia da aristocracia. No decurso da dinastia carolíngia, na política do século IX, historicamente, não significava que a aristocracia se relacionava com os reis apenas por questões materiais. McLean afirma que tal consideração é bastante simplista.

²⁷ MCLEAN, Simon. **Kingship and Politics in the late Ninth Century**: Charles the Fat and the end of the Carolingian Empire. New York: Cambridge University. First Edition, 2003. p. 233.

²⁸ Idem, pp. 230-231.

²⁹ Idem, p. 12.

Os carolíngios, carentes das instituições do decadente estado romano, precisavam de membros da aristocracia, cujo poder estava enraizado no controle da terra, agir como um meio de transpor sua autoridade do palácio para as localidades. [...] Em outras palavras, a realeza carolíngia foi, desde o início, baseada em uma estreita aliança entre poder real e aristocrático: a relação entre os dois era simbiótica³⁰.

Sendo assim, essa relação entre a aristocracia e a monarquia pode ser analisada na representação do período em que Marózia e sua família estavam no poder, pois as famílias aristocráticas eram uma poderosa força política e esse aspecto poderá ser observado no decorrer da pesquisa. Portanto, conclui-se, nesse capítulo, que as interpretações acerca da decadência do Império Carolíngio são diversas, mas, como McLean apresenta em sua narrativa, o Império Carolíngio findou, porém a dinastia permaneceu no sangue dos homens e mulheres por mais de décadas e é essa perspectiva que a pesquisa considera.

Capítulo 2: Os sinais do poder corrompido: a força da persuasão de *Antapodosis*

³⁰ Idem, p. 48.

Nessa parte da monografia, inicia-se a análise da documentação. Serão examinados dois livros, o II e o III, da obra *Antapodosis*, de Liudprando de Cremona. A hipótese que será verificada parte da possibilidade de que o narrador projetou sobre Marózia diversos estereótipos decorrentes de uma arraigada tradição misógina. Ao decorrer das leituras realizadas, percebe-se que o discurso do bispo de Cremona não é novo, mas advém de narrativas semelhantes aos textos da doutrina cristã elaborados desde a Antiguidade.

Dessa maneira, nota-se que o cronista não propõe apenas a descrição dos acontecimentos do século X, mas apresenta um discurso rodeado de princípios e pensamentos vindos de teóricos antigos e medievais.

2.1: Teodora: a culpa dos antepassados como fonte de transgressões

Começamos baseando-nos na maneira como o cronista descreve as mulheres da família Teofilato. Elas são vistas, ao longo da crônica, como meretrizes. Ele as identificava como objetos simbólicos da corrupção carnal. Eis o que Liudprando diz acerca de Teodora, mãe de Marózia:

Teodora, a prostituta sem vergonha, avó daquele Alberico que recentemente partiu deste mundo e de quem a menção é a mais suja, detinha a monarquia da cidade de Roma e de uma forma muito viril. Ela teve duas filhas, Marózia e Teodora, não apenas suas iguais, mas talvez até mais rápidas no exercício de Vênus. [...] Teodora – como eu testemunhei, uma prostituta desavergonhada –, inflamada pelo calor de Vênus, cobiçou ardentemente, por causa da beleza da aparência de João e não somente desejou, mas, de fato, o forçou – Ó vergonha! – a fornicar com ela muitas e muitas vezes. [...] Teodora, com a mente pervertida de Glycerium [uma personagem feminina na peça de Terence], a fim de que não desfrutasse de seu amante de maneira rara, por causa da distância de duzentas milhas que separavam Ravenna de Roma, o motivou a desertar a Sé do arcebispado de Ravenna – Ó maldade! – e a usurpar o mais alto pontificado em Roma³¹.

³¹ Theodora the shameless harlot, grandmother of that Alberic who recently left mankind and whose very mention is most foul, was holding the monarchy of the city of Rome, and not in an unmanly way. She had two daughters, Marozia and Theodora, not just her equals but if anything even faster in the exercise of Venus. [...] Theodora—as I testified, a quite shameless prostitute—inflamed with the heat of Venus, lusted ardently because of the beauty of John’s appearance, and not only desired but actually forced him—O shame! —to fornicate with her over and over again. [...] Thus Theodora, with the perverted mind of Glycerium, lest she should enjoy her lover by very rare beddings on account of the length of the two hundred miles that separate Ravenna from Rome, pushed him to desert the see of the archbishopric of the Ravennans—O wickedness! —and to usurp the highest pontificate at Rome. CREMONA, L of. **The Complete Works** ... op. cit., p. 97.

Perante o exposto acima, percebemos que o cronista atribui 3 características à Teodora, mãe de Marózia: a) dominação feminina sobre o homem; b) comportamento luxurioso; e c) frivolidade. Partindo das características citadas e por meio das leituras realizadas, suponho que esse discurso produzido é oriundo das cartas paulinas e textos patrísticos. Quanto à primeira questão apontada, a dominação feminina sobre os homens, observa-se que Teodora aparece no texto influenciando, motivando e coagindo o Papa João a realizar coisas que favorecessem a ambos. À luz dos ensinamentos patrísticos, em vista dessas influências e das motivações sobre o Sumo Pontífice, era possível considerar que Teodora não era uma “mulher [...] submissa ao ser do qual ela deriva”³², posição contrária ao que é comumente encontrado em muitos discursos cristãos. Portanto, Liudprando reconhecia em Teodora uma capacidade de dominação sobre um espaço familiar, proeminência que, contrária a uma esperada submissão, se tornava um dos vários motivos que embasavam a maneira depreciativa com que o bispo de Cremona caracteriza Teodora e suas filhas.

Seguindo com essa mesma ideia, Liudprando, ao perceber em Teodora um poder de dominação, a via de maneira negativa e imoral. Conforme apresenta a historiadora Cristina La Rocca, as mulheres que eram importantes, participantes da política, eram vistas por ele de maneira má e pervertida.³³ Provavelmente, o cronista enxergava Teodora dessa forma. O pensamento do cronista, segundo o qual a mulher não deveria dominar a direção do lar e, sim, ser submissa, assemelha-se ao que se lê nas cartas de Paulo: “que a mulher [não] ensine, ou domine o homem. Que conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão”³⁴. Nota-se que a tradição cristã apresenta Eva, a primeira pecadora, como uma mulher insubmissa, contrária à autoridade, uma vez que foi incapaz de resistir à tentação e, com isso, tornou-se responsável pela perda do Paraíso.

³² PIRES, J. D. A. **Misoginia medieval: a construção da justificação da subserviência feminina a partir de Eva e do pecado original**. Faces da História, v. 3, n. 1, p. 128-142, 29 ago. 2017. p.133.

³³ LARROCCA, Cristina. **Liutprando da Cremona e Il paradigma femminile di dissoluzione dei Carolingi**. In: LARROCCA, Cristina. *Agire da Donna: modelli e pratiche di rappresentazione (secoli VI - X)*. Padova: Brepols, 2007.

³⁴ 1 Tm 2, 12s.

De acordo com essas ideias, percebem-se parentescos de posicionamentos entre o cronista e o texto bíblico, cujo peso passava a estar incorporado à crônica.

Avançando com a interpretação sobre as similaridades entre as ideias dos Padres da Igreja acerca da imagem da mulher e o pensamento do bispo de Cremona, conjectura-se que um dos principais influenciadores dessa narrativa tenha sido Santo Agostinho. Em um dos trechos do livro *Corpo e Sociedade*, Peter Brown apresenta a visão de Santo Agostinho acerca da dominação do homem, e mais uma vez esse posicionamento assemelha-se à narrativa de Liudprando:

O estado original de Adão e Eva implicava até mesmo uma certa dose de hierarquia: a exegese de Agostinho validou a dominação dos homens sobre as mulheres e o domínio do pai sobre os filhos como parte da ordem divina originária. Houvessem eles ficado no Paraíso, Adão e Eva teriam gerado filhos e os teriam alimentado com a autoridade parental³⁵.

O historiador Edilson Alves também apresenta essa visão dos padres da Igreja e suas interpretações em relação à mulher:

Percebe-se que a visão dos Padres da Igreja, de certo modo, está subjugada a uma interpretação da mulher que encontra sua fundamentação num modelo feminino de Eva, considerada inferior, pois, além de ter sido criada depois do homem, pecou primeiro e, pecando, induziu o homem a pecar.³⁶

Tais semelhanças são consideradas aqui como sinais de uma possível influência sobre o cronista, especificamente em sua avaliação quanto à dominação do homem relacionada à hierarquia da família. Influência que, deve-se recordar, “não foi uma investida apenas da Igreja, mas também de alguns setores mais conservadores da sociedade que deram apoio à Igreja, como a aristocracia”³⁷. Para complementar essa interpretação, suponho aqui que Teodora era um personagem caracterizado como oposto ao imaginário que o clero e a aristocracia impuseram, especialmente quanto ao papel da

³⁵ BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Tradução: Vera Ribeiro. p. 329.

³⁶ SOUZA, Edilson Alves. **O pensamento misógino medieval em confissões, de Santo Agostinho. XI**. Encontro Internacional de Estudos Medievais. Imagens e Narrativas. Universidade Estadual de Goiás. http://abrem.org.br/revistas/index.php/anais_eiem/article/viewFile/273/233. p. 146

³⁷ PIRES, J. D. A. **Misoginia medieval...** op. cit., p. 130.

mulher como inferior ao homem. Partindo dessa premissa, percebe-se que, ao afirmar que Teodora impulsionou o Papa João a deixar a Sé e a apoderar-se do papado, de maneira indireta, o bispo de Cremona percebia a influência de Teodora acerca das escolhas de João.

A visão agostiniana permitia aferir que “a culpabilidade de Eva pelo Pecado Original é a responsável pela sua sujeição. Nessa perspectiva, a subserviência feminina aparece representada como uma punição ao pecado e à desobediência”³⁸, pensamento que complementa a ideia exposta no início do capítulo acerca das cartas paulinas, de que a mulher, por não resistir ao mal, não poderia dominar o homem. O historiador João Davi A. Pires conclui essa ideia, aqui assumida como fundamento do posicionamento de Liudprando:

Ao homem, foram atribuídas características que o valorizavam, como a retidão, a honra, a espiritualidade, entre outras. À mulher, pelo contrário, atribuiu-se características que a colocavam em posição oposta á do homem, através de elementos que a desvalorizava e a inferiorizava, como, por exemplo, a desonra, a mentira, a confusão, a sedução, a tendência ao pecado, entre outros³⁹.

Seguindo com o estudo do discurso do cronista, supõe-se que este via nos atos de Teodora um dos 7 pecados capitais: o pecado da luxúria. Eis sua narrativa: “e não somente desejou, mas, de fato, o forçou – Ó vergonha! – a fornicar com ela muitas e muitas vezes”. Tais acusações de perversão de Liudprando em relação a Teodora e suas filhas, mais uma vez, parecem oriundas dos ensinamentos agostinianos, nos quais se lia:

Mas de onde vem essa situação única dos órgãos sexuais em que não são ‘movidos pela vontade’, e sim excitados ‘pela luxúria’? Agostinho responde: ‘... a retribuição pela desobediência é simplesmente desobediência em sim’. [...] O castigo pela queda foi primeiro lançando sobre o reino da sexualidade⁴⁰.

A historiadora Maria Emília H. Pimental, em seu artigo, cita a autora Joyce Salisbury, e complementa a ideia acerca de Santo Agostinho sobre o pecado cometido por

³⁸ Idem, p. 133.

³⁹ Idem, p. 130.

⁴⁰ RANKE – Heinemann, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. 2. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996. p 103.

Adão e Eva no Paraíso. Segundo o bispo de Hipona: “mas a desobediência, que acarretou com que Adão e Eva caíssem no pecado do orgulho. Foi o orgulho que os levou a desobedecer e a praticar o intercuro sexual antes de Deus lhes conceder a permissão”⁴¹. Assim sendo, a grande questão que Santo Agostinho tentava responder era a respeito do desejo sexual não controlado, que ia além da vontade, superando a vontade e a razão, controlando o comportamento. Assim, presume-se que a interpretação do *Gênesis* por Santo Agostinho, que caracteriza a concupiscência da carne como a ruptura da harmonia entre o homem (Adão) e a mulher (Eva), se propagava através da narrativa de Liudprando de Cremona.

A respeito dessa ideia de luxúria, a historiadora Cláudia Brochado também já chamou atenção quanto ao fato de que envolve uma visão sobre o *Gênesis*, o qual apresenta a mulher como fonte de uma fragilidade:

No discurso masculino medieval (Archer, 2001), a noção de luxúria vincula-se, sobretudo, à figura feminina. Os pressupostos bíblicos do Pecado Original servem como base de sustentação dessa noção. Falar de Pecado Original é falar também de luxúria, ou seja, prazeres físicos, sexuais. Explica-se então a fraqueza de Eva, perante as tentações carnis, através das supostas predisposições naturais dos seres femininos à luxúria. Explica-se também que a dor e a imperfeição no plano terrestre advêm desse primeiro erro cometido. Da constatação de uma culpabilidade se estrutura a construção de gênero feminino. E na noção de gênero feminino no período que tratamos, a luxúria é o substantivo que o define como nenhum outro.⁴²

À vista disso, constata-se que a percepção de luxúria é caracterizada pelo protagonismo da imagem feminina. A mulher é “a” detentora da corrupção moral. O argumento que se sugere aqui é que, a partir da visão agostiniana e dos padres da Igreja Primitiva, e com os contornos da imagem da primeira mulher, Eva, formou-se um estereótipo aplicável a todas as outras, sobretudo as que alcançassem proeminência nas relações sociais. Cito também Santo Ambrósio, que influenciara Santo Agostinho, por meio de seus sermões. Para o bispo de Milão, o corpo estava envolvido pela escuridão e

⁴¹ PIMENTAL, Maria E. **Helmer. Agostinho de Hipona**: O matrimônio, o sexo e a privação do prazer. Caderno de Anais, Universidade Federal do Espírito Santo. p. 163.

⁴² BROCHADO, Cláudia Costa. **Evangelhos em feminino**: interpretações de uma escritora medieval ibérica. In: SCIELO – Scientific Electronic Library Online. Cad. Pagu, Campinas, n. 4, p. 371-392, Jan/June2014.

fraco pelos desejos da carne, pois carregava em si “a cicatriz da sexualidade”⁴³. Todas essas imagens são semelhantes ao que narra o cronista. Dessa maneira, seu discurso acerca do comportamento de Teodora sobre a luxúria tem forte traço patrístico e paulino. Visto que a crônica “está repleta de referências bíblicas indiretas que refletem o conhecimento íntimo das escrituras de Liudprando”⁴⁴, logo, pode-se perceber a similitude de sua postura e seu discurso.

Prosseguindo, o cronista do século X expõe: “inflamada pelo calor de Vênus cobijou ardentemente, por causa da beleza da aparência de João”, trecho que me leva à hipótese de que a frivolidade seja outro aspecto a se distinguir na figura de Teodora e, com ela, a de Marózia. Por “frivolidade”, tenho em mente outro tema que a patrística associou à condição feminina: o apego às aparências, a extrema valorização da forma, mesmo que isso comprometa a essência (a alma humana). Pode-se constatar que, na narrativa, é a beleza de João que motiva Teodora, compelindo-a à luxúria. Característica que remete, por exemplo, ao Antigo Testamento.

O primeiro episódio a que remeto é o que envolve Dalila e Sansão, que é retratado no livro de Juízes. Nele, Dalila seduz Sansão por ser muito bela e o indaga para que ele diga de onde provinha sua imensa força. Após contar a verdade a Dalila, ele é entregue aos filisteus e preso. Nota-se um alinhamento entre três elementos: valorização da aparência, risco de perdição e condição feminina. Outro caso que pode ser mencionado é o do Rei Davi, que “levantando-se da cama, pôs-se a passear pelo terraço do palácio e do terraço avistou uma mulher [...]. Era muito bela a mulher”⁴⁵. Em seguida, Davi a desposa e, juntos, cometem adultério. Com isso, percebe-se que, como as narrativas bíblicas, o bispo de Cremona também via nas mulheres uma natureza em que o apego à aparência ligava-se à sedução, ao pecado. Dalila seduziu Sansão; Davi, impressionado com a beleza de Betsabeia, comete adultério; e Teodora, impulsionada pela beleza de João, arrasta-o para a “fornicação”.

O historiador João Pires também expõe a respeito da beleza: “a beleza feminina é considerada um dos recursos pelos quais as mulheres conseguem dos homens aquilo que

⁴³ BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade...* op. cit., p. 289.

⁴⁴ COLLINS, Paul. *The Nadir of the Papacy...* op. cit., p. 267.

⁴⁵ 2 Sm 11, 2.

elas desejam, seja a prática do pecado, seja o exercício de dominação sobre eles”⁴⁶. A beleza da mulher poderia levar a praticar o pecado ou a dominação sobre homem, como exposto anteriormente. Teodora é, na narrativa de *Antapodosis*, o personagem que exerce essa dominação e pratica o pecado da fornicção. Com isso, o cronista fixava-a como uma mulher que representava perigo aos homens, uma imagem enraizada na tradição.

2.2: *Marózia: a semente da dominação herdada dos antepassados floresce*

Avançando com a análise, constata-se que, ao longo da leitura, o bispo de Cremona diz que Teodora “teve duas filhas, Marózia e Teodora, não apenas suas iguais, mas talvez até mais rápidas no exercício de Vênus”⁴⁷. Com base nesse pequeno fragmento do discurso, afirma-se que Marózia e sua irmã comportavam-se como a sua mãe, ou seja, agiam de maneira lasciva. Diante dessa afirmação, surge uma característica decisiva na definição do ambiente familiar no qual Marózia estava inserida. Tais acusações do cronista remetem à ideia de que o ambiente familiar era um lamaçal de corrupção moral. Provavelmente, aqui, Liudprando teria em mente o modelo disciplinar de uma família cristã semelhante ao de João Crisóstomo. De acordo com as palavras de Peter Brown,

A maioria das virgens da igreja se compunha de moças jovens em idade de casar. Elas haviam crescido em lares em que o controle dos pais sobre as expectativas conjugais dos jovens adolescentes em geral, e das meninas em particular, continuava a ser absoluto. [...]. A família decidia sobre o destino de suas filhas. Para que uma menina permanecesse como virgem consagrada, era preciso cercá-la de uma densa linguagem sacra. O clero se referia às moças que se descobriam entre as ‘noivas de Cristo’ como ex-votos humanos. Já não eram mulheres; tinham-se transformado num “vaso sagrado dedicado ao Senhor”.⁴⁸

Ao observar o discurso do autor e o trecho de São João Crisóstomo, sugere-se que Liudprando tenha sofrido influências de Crisóstomo em seus ideais acerca da construção da família cristã. Para Liudprando, a família Teofilato não cumpria com a expectativa religiosa de uma família “verdadeiramente cristã”. Analisando a abordagem do bispo de

⁴⁶ PIRES, J. D. A. **Misoginia medieval...** op. cit., p. 137.

⁴⁷ She had two daughters, Marozia and Theodora, not just her equals but if anything even faster in the exercise of Venus. CREMONA, L of. **The Complete Works** ... op. cit., p.96.

⁴⁸ BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade...** op. cit., p. . 219.

Cremona acerca dos ensinamentos familiares, é possível afirmar que ele acreditava que Teodora tivesse falhado em cumprir e transmitir os preceitos cristãos, como apresentado no trecho acima de João Crisóstomo. Afirma-se que, a partir da colocação do cronista, ele acreditava que havia uma falha estrutural de autoridade em relação ao núcleo familiar de Marózia, haja vista a falta de uma correta administração familiar, a *oikonomia*. Liudprando afirma em poucas palavras: “não apenas suas iguais”, comparando Marózia e a irmã com a mãe Teodora, o que permite afirmar que ele construiu a imagem do pecado passando de “geração em geração”.

Avançando na forma em que a narrativa caracteriza a família Teofilato, chega-se, enfim, a Marózia, aquela à qual Liudprando mais adjetiva em sua escrita. No entanto, é preciso lembrar que Marózia é poucas vezes citada. Na crônica de Liudprando, lê-se: “Naquela época, com a mãe desse mesmo rei Hugo morta, seu filho Guido, [...] tomou como esposa a prostituta romana Marózia”⁴⁹. Observa-se que o cronista faz os impropérios dirigidos à mãe desaguarem sobre a figura de Marózia. Ele prossegue:

Enquanto isso, Guido, marquês da província toscana, junto com sua esposa Marózia, começou fervorosamente a tramar a expulsão do Papa João, e isso por causa da inveja que sentiam de Pedro, irmão do papa, visto que o papa o honrara como seu próprio irmão. Aconteceu que, com Pedro residindo em Roma, Guido secretamente reuniu muitos soldados; e assim, certo dia, quando o papa estava no Palácio de Latrão com alguns outros e seu irmão, as tropas de Guido e Marózia, precipitando-se sobre eles, mataram seu irmão Pedro diante dos olhos do papa e, agarrando o papa, o trancaram sob custódia, onde ele morreu não muito depois: pois eles afirmam que colocaram uma almofada sobre sua boca com a qual o sufocaram da maneira mais perversa.⁵⁰

Nessa sucessão de acontecimentos, o cronista, aparentemente, percebe certas transgressões vindas de Marózia, as quais ele repudiava. São elas: o comportamento

⁴⁹ At that time, with the mother of this same King Hugh dead, her her son her Wido took the Roman harlot Marozia as his wife. CREMONA, L of. **The Complete Works** ... op. cit., p. 118.

⁵⁰ Meanwhile Wido, margrave of the Tuscan province, along with his wife Marozia, began fervently to plot the expulsion of Pope John, and this on account of the envy they felt for Peter, the pope's brother, since the pope honored him as his own brother. It happened that, with Peter residing in Rome, Wido had secretly gathered many soldiers; and so on a certain day, when the pope was at the Lateran Palace with a few others and his brother, the troops of Wido and Marozia, rushing upon them, killed his brother Peter in front of the pope's eyes, and, seizing the pope, they locked him up in custody, where he died not much later: for they claim that they placed a cushion over his mouth by which they most wickedly suffocated him. Idem, p. 132-33.

invejoso, a conjuração (uma vez que ela planeja a retirada do Papa João da cadeira pontifícia) e, por último, a conduta homicida. Iniciemos com a frase retirada da crônica e já apresentada de forma integral: “[Guido e Marózia] fervorosamente [começaram] a tramar a expulsão do Papa João, e isso por causa da inveja que sentiam de Pedro, irmão do papa.” A partir desse fragmento, nota-se que o bispo de Cremona faz da inveja a causa que move todo comportamento de Marózia. A inveja, de acordo com a tradição da Igreja, compunha a doutrina dos pecados capitais e tal tema foi tratado por Padres da Igreja, como Santo Agostinho. Na *Summa Teológica*, São Tomás de Aquino se refere ao pensamento de Santo Agostinho da seguinte maneira: “[...] diz Agostinho que o diabo não é fornicador, ou ébrio, nem nada parecido; é, contudo, soberbo e invejoso”⁵¹. Nota-se que inveja e soberba são atributos do próprio diabo. Semelhante a esse pensamento, nas cartas de Paulo a São Tiago, Paulo adverte da seguinte maneira: “Onde há inveja e preocupação egoística, aí estão as desordens e toda a sorte de más ações”⁵². A inveja era vista como um grande mal a ser combatido, pois podia conduzir a pessoa a praticar o mal e colocar em risco o destino de toda a comunidade cristã.

Passo agora à acusação de conjuração ou conspiração. Recordemos o trecho: “Guido [...], junto com sua esposa Marózia, começou fervorosamente a tramar a expulsão do Papa João. [...] Aconteceu que, com Pedro residindo em Roma, Guido secretamente reuniu muitos soldados”. Pode ser observado que Guido e Marózia teriam conspirado contra o Papa João X e seu irmão, Pedro de Espoleto, de maneira secreta. Pode-se dizer que se trata de uma acusação tipicamente carolíngia. Desde a passagem para o século X, a acusação de conspiração ou conjuração difundiu-se, tornando-se uma das mais graves que poderiam ser lançadas contra um aristocrata. Citarei alguns casos.

Por volta de 890, Fulque, o Venerável, arcebispo de Reims, foi acusado de conspirar com o rei dos francos, Eudes. O enredo do caso menciona que, desaprovando a maneira que o governo do rei dos francos, Eudes, governava e tendo em vista numerosos conflitos regionais envolvendo abadias, Fulque, passou a tramar contra o rei. Outro caso envolveu Goslino, abade de Saint-Germain e bispo de Paris, numa época em que sua influência estava diminuindo.”. “Em Troyes, ele se tornou o alvo de uma conspiração

⁵¹ TOMÁS DE AQUINO, Questão 6, a. 2.

⁵² Tiago 3, 16.

para privá-lo de Saint-Denis, seguido pela perda do cargo do arquichanceler no início de 879”⁵³.

Os dois acontecimentos supracitados eram característicos de um período em que o Império Carolíngio estava vivendo grande tensão, uma vez que o poder estava vago e a disputa entre os carolíngios para ocupar a coroa imperial era frequente. McLean também menciona que uma das versões que mais marcou a historiografia foi a de que o duque Arnulfo de Caríntia teria ocupado a cadeira imperial por meio de uma conspiração aristocrática. As conspirações se tornaram um dos temas mais frequentes da vida política na passagem do século IX para o X, e foi como tal que Liudprando de Cremona as menciona para condenar, nos piores termos possíveis, a conduta de Marózia. O cronista, possivelmente, carregava a imagem de “trauma” ainda recente envolvendo tantas notícias sobre conspirações.

Dando continuidade à obra, o autor diz “mataram [...] Pedro diante dos olhos do papa e, agarrando o papa, o trancaram [...], onde ele morreu [...]: pois eles afirmam que colocaram uma almofada sobre sua boca com a qual o sufocaram da maneira mais perversa”⁵⁴. No cristianismo, o assassinato que atingia a organização da Igreja ou da Monarquia trilhava um longo caminho de condenação. O ato de cometer assassinato já era condenável no Antigo Testamento, por exemplo, nas leis judaicas, em que no Decálogo diz: “Não matarás”. A historiadora Sara M. Butler já delineia esse assunto a respeito da condenação:

Em geral, homens e mulheres medievais não viam a morte como uma punição adequada para o homicídio. Muitos homicídios resultaram de uma “luta justa”. Tal morte foi melhor punida através de acusação e tempo gasto na prisão aguardando julgamento do que através da pena de morte. [...] A condenação foi significativamente mais provável de ser o resultado quando o crime foi premeditado [...] A maioria dos assassinatos medievais eram um produto de sangue quente e condições de vida próximas⁵⁵.

⁵³ LÖBLEIN, Horst. **Royal Power in the Late Carolingian Age**: Charles III the Simple and His Predecessors. Colônia: Modern Academic Publishing, 2019. p. 84.

⁵⁴ CREMONA, L of. **The Complete Works** ... op. cit., p.p. 132-133.

⁵⁵ BUTLER, Sara M. **Violence and Murder in Europe**: how violent were the middle ages? In: GORDON, Matthew S. *et al* (ed.) **The Cambridge World History of Violence**. 2. vol. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

Nota-se que, supostamente, o cronista tenta apresentar que as mortes do Papa João e de seu irmão, Pedro, provocadas por Marózia e Guido, vão contra a Igreja, dado que a proibição de não matar compõe os princípios da ética cristã. Dessa maneira, o homicídio cometido por Guido e Marózia com o intuito de colocar um dos seus na cadeira papal, atinge de maneira direta a Igreja de Roma e a Monarquia, levando-as para o lamaçal da desordem, uma vez que o ato de matar faz com que a Igreja de Roma viole a ética canônica.

2.3: Marózia: a corrupção do casamento como autoria pecadora

Dando sequência à leitura da obra de Liudprando, ele nos apresenta a seguinte afirmação:

Após a morte de seu marido Guido, Marózia, uma meretriz bastante desavergonhada, enviou seus mensageiros ao rei Hugo e o convidou a ir até ela e tomar para si a mais nobre cidade de Roma; e ela afirmou que não poderia ser feito de nenhuma outra forma, a menos que o rei Hugo a fizesse sua noiva⁵⁶.

De acordo com as leituras realizadas, na sociedade medieval, a regra dominante entre as elites era de que a mulher percorresse somente os limites de casa ou do convento. Nota-se que Liudprando de Cremona via em Marózia algo muito distinto: um poder manipulador, com a capacidade de determinar, inclusive, com quem ela se casaria. Como tal, Liudprando apresenta Marózia como um personagem que corrompe o vínculo matrimonial ao exercer uma autoridade que, por ser masculina, não lhe pertence.

A questão matriz que se percebe na afirmação do cronista é que Marózia inverte o papel determinado pela tradição cristã à mulher como esposa, uma vez que ela surge como a autoridade que dita escolhas matrimoniais. É ela que, a partir de interesses políticos próprios, define sua vida marital. Aparentemente, com base nessa afirmação e

⁵⁶ After the death of her husband Wido, Marozia, a quite shameless harlot, sent her messengers to King Hugh and invited him to come to her and take for himself the most noble city of Rome; and she affirmed that it could not be done in any other way unless King Hugh made her his bride CREMONA, L of. **The Complete Works** ... op. cit., , p. 133.

nesse posicionamento é que o cronista do século X reproduzia os ideais que Paulo havia apresentado em uma de suas cartas:

As mulheres o sejam a seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos maridos⁵⁷.

Com essa passagem, da Carta aos Efésios, tomava forma o modelo da hierarquia familiar em analogia ao corpo humano. Modelo ao qual o bispo de Cremona teria recorrido, indicando que o homem deve figurar como a cabeça, conduzir o restante do corpo, atuando, em suma, como chefe de família. Supõe-se que, por partir de Marózia o ato de arranjar o próprio casamento e não do homem, Hugo, Liudprando a tenha visto como uma figura corruptora da correta ordem da vida matrimonial.

A mesma ideia de autoridade paternal no lar pode ser encontrada nas narrativas de João Crisóstomo. Brown expõe:

A administração exitosa de uma família cristã exigia uma estreita colaboração entre marido e mulher. Presumia a dominação do homem na família, do marido sobre a mulher, e do pai sobre os filhos. Incorporando com êxito a jovem esposa em seu lar, o marido a separava da sedutora “vanglória” da vida civil. Com doçura, mas também com firmeza, ela devia ser moldada “como cera” pelo marido⁵⁸.

Reafirma-se, mais uma vez, a similitude de discursos existentes entre as opiniões de Paulo, João Crisóstomo e Liudprando. Nos fragmentos apresentados da narrativa de *Antapodosis*, são evidenciados os sinais de um discurso cristão carregado de autoridade, que instituía a fundação da estrutura familiar como sujeitada à autoridade paterna. O homem como primeiro, topo da hierarquia familiar, e a mulher na posição de secundária. Contudo, ao fazer de Marózia protagonista da casa e da disposição da família, o bispo de Cremona a transformava em infratora direta de ideias antigas e repletas de autoridade, tornando-a um personagem incapaz de ser, João Crisóstomo expôs acima, “como cera”, já que era ela quem moldava (ao invés de ser moldada) a escolha a respeito de seu cônjuge. Acredita-se que o cronista, muito provavelmente, seguia o modelo dos teóricos da

⁵⁷ Efésios 5, 22-24.

⁵⁸ BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade...** op. cit., p. 259.

antiguidade, pois o seu posicionamento é similar ao ideal de autoridade familiar representado por João Crisóstomo, no qual a autoridade do *paterfamilias* provém do homem, já que este é o chefe da unidade familiar.

O trecho a seguir deixa ainda mais claro como, aos olhos de Liudprando, Marózia surgia como a encarnação da corrupção do matrimônio.

Por que, Marózia, você fica furiosa, estimulado pelas picadas de Vênus?
Agora você espera a doçura do irmão do seu cônjuge
E casar com dois irmãos, igual a Herodíades.
Você é cega, esquecida dos ensinamentos de João
Quem proibiu irmãos de violar esposas de irmãos!
As canções do profeta Moisés não te apoiam
Que mandou o irmão levar a esposa do irmão
Se o primeiro não pudesse gerar um filho:
Nossos tempos sabem que você teve descendência com seu marido.
Eu sei que você vai responder: “Vênus, bêbado, não se importa nem um pouco com isso.”
Agora lá vem, como um touro desejado conduzido a você sob o jugo,
O Rei Hugo, movido mais pela cidade romana⁵⁹.

Nessa versificação do bispo de Cremona, percebe-se que ele culpa Marózia pelo desenrolar dos acontecimentos: criar um cenário para suprir suas necessidades, construir um casamento “com dois irmãos”. Liudprando a culpou de “violar esposas de irmãos”, “que mandou o irmão levar a esposa do irmão”. Supõe-se que o cronista, acerca desses trechos, vê em Marózia prerrogativas que não competem a ela como mulher, e, sim, ao homem, como o exercício de manipular e exercer o poder decisório.

Liudprando afirma que Marózia se casaria com “dois irmãos, da mesma forma que Herodíades”. Assim, Marózia assume plenamente a forma de quem não seguia as ordens do molde da família cristã, haja vista ser “cega, [e] esquecida dos ensinamentos de João” – no caso, João Batista. Trata-se de um tipo de acusação a casos antiquíssimos a que

⁵⁹ Why, Marozia, do you rage, urged on by Venus's stings? Now you expect the sweetness of your spouse's brother And to marry two brothers, equaling Herodias. You are blind, forgetful of John's teachings Who forbade brothers to violate brothers' spouses! The songs of the prophet Moses do not support you That ordered the brother to take the brother's wife If the first one could not engender a son: Our times know you to have borne offspring to your husband. I know you will retort: "Venus, drunk, cares not a whit for this." Now there comes, like a desired bull led to you under yoke, King Hugh, moved more by the Roman city. CREMONA, L of. **The Complete Works** ... op. cit., p., p.133.

remontava um conhecedor da tradição. Nas palavras de Brown acerca da condição da mulher no âmbito familiar,

O autor posterior de um tratado dirigido a uma certa Gregória recaiu nos sermões de Crisóstomo para provar que era possível ser casado e, ainda assim, levar uma vida cristã conscienciosa. A mulher devota podia transformar um amplo lar romano num lugar santificado. Para isso, porém, tinha de aceitar as leis da família. Ele fora inteiramente entregue ao marido, “comprada pelo contrato matrimonial e atada por tantos nós quantas são as partes do corpo”. Todavia, a docilidade, combinada com utilização franca dos “braços permitidos para a alegria conjugal”, facultava-lhe estabelecer sua autoridade religiosa no lar.⁶⁰

A desaprovação de Liudprando sobre o envolvimento de Marózia com o cunhado certamente vem de contexto bíblico: “Se alguém tiver um irmão casado e este morrer sem filhos, tomará a viúva e suscitará descendência para seu irmão”⁶¹. Ou seja, Marózia simplesmente não deveria se casar. Mais uma vez, supõe-se que o bispo de Cremona via nesse comportamento o rompimento dos laços familiares tradicionais. E é em meio a essas acusações que surge outro trecho, se supõe, no qual se pode ver a questão do poder decisório supostamente exercido por Marózia e sempre retratado como um vício pelo narrador: “agora lá vem, como um touro desejado conduzido a você sob o jugo”.

Nesse fragmento, observo duas características: a dominação da mulher em relação ao homem, que já foi exposta no início deste trabalho, e a outro aspecto, a autoridade de Marózia em conduzir as situações que a rodeavam. O cronista, portanto, percebia em Marózia a corrupção da moralidade cristã no ambiente familiar. Reputação que era não apenas grave, mas que remetia a uma série de elementos consolidados pela tradição da cultura escrita cristã. Na visão de Santo Agostinho, a mulher deveria cumprir o papel de subserviente, como apresenta Uta Ranke:

As mulheres podem ter ficado surpresas com saber que só eram boas para a reprodução, e desqualificadas para qualquer outra coisa que dissesse respeito à mente e à inteligência. Essa ideia foi formulada por Tomás de Aquino em conexão com Agostinho da seguinte maneira: a mulher é simplesmente útil na procriação (*adiutorium generationis*) e para cuidar da casa. Para a vida intelectual do homem não tem significado. Assim Agostinho foi o brilhante inventor do que os alemães chamam três kás (*Kinder, Küche, Kirche* – filhos, cozinha, igreja), uma

⁶⁰ BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade...** op. cit., p. 310-11.

⁶¹ Lc 20,28.

ideia ainda viva, que, com efeito, continua a ser a posição teológica primária das mulheres na hierarquia da Igreja.⁶²

Nessa passagem acima, pode-se observar como é apresentado o papel da mulher – como o exato oposto da Marózia, apresentado por Liudprando. Essa inversão não era um acontecimento casual, era o sinal de que o narrador do século X remetia seus leitores diretamente a ideias antigas e repletas de autoridade. Era sinal de que ele embutia uma enorme força da tradição para convencer de que dizia a verdade.

⁶² RANKE – Heinemann, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus...** op. cit., p. 101.

Capítulo 3: Os sinais do poder legítimo: a outra Marózia abrigada no interior de *Antapodosis*

A análise da narrativa de Liudprando de Cremona, exposta no capítulo passado, abordava as possíveis reproduções de discursos oriundos da tradição cristã. Essa repetição de pensamentos pode ser considerada como de um caráter de propaganda, isto é, a repetição de discursos e fórmulas tradicionais cristãs feitas pelo autor independe de Marózia e do contexto romano, pois, possivelmente, já eram repetidas antes mesmo da criação da crônica. Com isso, sugere-se que muito da obra do cronista deve ser encarado como propaganda dirigida às elites letradas do mundo cristão. Contudo, essa propaganda escrita pelo bispo de Cremona levanta o seguinte questionamento: qual a causa da formulação dessa propaganda a respeito de Marózia? Nessa segunda parte de verificação da hipótese de trabalho, tentar-se-á responder à questão mencionada.

O que sugiro aqui é que, respondendo ao questionamento acima, tal propaganda foi movida por uma necessidade, particularmente pelo motivo de Marózia ser uma figura de poder expressivo. Ou seja, Marózia era um rival político de grande envergadura para figuras alinhadas com o interesse otônida – como era o caso de Liudprando – e seu impacto político era significativo em Roma, no centro da península itálica. O cronista, de maneira sutil, apresenta sinais desse poder legitimamente exercido por ela. Podemos notar que o cronista se utiliza de uma arma ideológica conveniente: a desqualificação do rival político. A desqualificação é recorrente sobre Marózia. Com isso, conjectura-se que Marózia e a aristocracia romana eram competidores reais à altura do governo Otônidas, isto é, que efetivamente exerciam o poder legítimo – algo que a propaganda cristã deveria mudar. Com isso, no decorrer desse capítulo, apresentar-se-ão sinais, inscritos pelo mesmo narrador, de que Marózia exercia o poder político em Roma de maneira legítima e característica aos padrões estipulados pelo próprio Liudprando, que, no entanto, se empenhou para provar o contrário.

Para a melhor compreensão desse aspecto, adotarei o método indiciário como ferramenta de análise. Segundo Carlo Ginzburg, sinais são indícios indicativos, mas muitas vezes fugidios de dimensões relevantes de um passado – neste caso, de que Marózia detinha, significativamente, um poder político legítimo. A maneira como serão reconhecidos os sinais ocorrerá por meio da análise de pormenores recorrentes na obra,

através da busca pela importância de detalhes e particularidades que o cronista, talvez involuntariamente, apresenta com repetição expressiva. Tentar-se-á procurar elementos que costumam ser minimizados quando se esquece que os trechos sobre Marózia fazem parte de um todo. Nessa parte da hipótese, buscar-se-á interpretar “sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”⁶³ para a interpretação dos sinais. Dessa maneira, procurar-se-á seguir as “pistas mudas”⁶⁴ deixadas pelo bispo de Cremona e, a partir destas encontrar possíveis exercícios de poder de Marózia.

3.1: *Um senhor é aquele que comanda exércitos: as tropas de Guido e Marózia*

Começemos pela seguinte afirmação, que já foi apresentada, mas que, dessa vez, veremos de outra perspectiva. Nas palavras do bispo de Cremona,

Guido secretamente reuniu muitos soldados; e assim, certo dia, quando o papa estava no Palácio de Latrão com alguns outros e seu irmão, as tropas de Guido e Marózia, precipitando-se sobre eles, mataram o seu irmão Pedro diante dos olhos do papa⁶⁵.

Prosseguindo na análise planejada, consideremos a seguinte frase: “as tropas de Guido e Marózia”. No decorrer da leitura da obra de Liudprando, notar-se-á que o autor cita corriqueiramente passagens semelhantes a essa, na qual ele apresenta a presença das tropas como sinal de um *status* de exercício de poder e autoridade legítima. O cronista apresenta outro acontecimento, agora com Guido e Bengário:

Guido, nem um pouco perturbado com as mensagens dos Francos, começou a oscilar entre muitos pensamentos, tanto sobre o reino Italiano, que ele prometera a Berengário fazendo juramento, quanto sobre aquele dos Francos. Preso entre as duas possibilidades, visto que não podia se tornar rei dos Francos, ele decidiu quebrar o juramento que fizera a Berenário; e, tendo reunido um exército da melhor maneira que pôde [...] entrou apressadamente na Itália, ele se aproximou dos habitantes de Camerino e Espoleto com confiança, como seus parentes; com a ajuda do dinheiro, ele conquistou até mesmo os apoiadores de

⁶³ GINZBURG, Carlos. **Sinais raízes de um ...** op. cit., p. 149.

⁶⁴ Idem, p. 152.

⁶⁵ Wido had secretly gathered many soldiers; and so on a certain day, when the pope was at the Lateran Palace with a few others and his brother, the troops of Wido and Marozia, rushing upon them, killed his brother Peter in front of the pope's eyes, and, seizing the pope. CREMONA, L of. **The Complete Works ...** op. cit., p., .132.

Berengário, pois eles eram desleais. E, assim, ele preparou a guerra contra Berengário ⁶⁶.

Guido e Berengário, de acordo com o próprio narrador, eram “dois príncipes nobres superpoderosos da Itália”⁶⁷. Haviam feito um juramento de que, depois da morte do rei de então, provavelmente Carlos III, Guido apoiaria a coroação de Berengário na Itália e Berengário, a de Guido na Francia. Sendo assim, Guido receberia o império Franco e Berengário, o reino itálico. Porém, tal juramento foi quebrado. E a amizade que os dois príncipes haviam criado, elo muito particular, “um tipo especial de vínculo social entre os aristocratas, essencial para as negociações políticas das elites do século X.”⁶⁸, foi esfacelada. Ocorreu que o plano de Guido foi frustrado, pois os francos escolheram muito rapidamente Eudes, o conde de Paris, como monarca. Berengário, por sua vez, apoderou-se do reino itálico como pretendia. Guido compreendeu que não poderia tornar-se rei e, por essa razão, quebrou o juramento feito com Berengário.

O bispo de Cremona descreve os arranjos militares de cada um deles de maneira legítima. Há certa tensão na narrativa, mas esta só se torna claramente pejorativa, quando, ao citar o comportamento de Guido em relação ao dinheiro, o cronista mostra desaprovação. No fragmento transcrito, Guido quebra o juramento e executa a prerrogativa de recrutar um exército: “ele decidiu quebrar o juramento que fizera a Berengário; e, tendo reunido um exército o melhor que podia”. Guido então ingressa na Itália e se aproxima dos camerinos e espoletanos.

Assim narrados, tais feitos demonstram que, para Liudprando, a conduta de Guido era um tanto conveniente, fonte de problemas e tensões, porém não ilegítima. Pois Guido, ao realizar as manobras militares, estava movimentando-se no campo do previsto e do aceitável, mesmo em se tratando de uma quebra de juramento. Porém, há, de fato, uma quebra de legitimidade quando, “com a ajuda do dinheiro, ele conquistou até mesmo os apoiadores de Berengário, pois eles eram desleais”. É então que as tropas se tornam

⁶⁶. Wido, not a little disturbed by the messages of the Franks, began to waver between many thoughts, both about the Italian kingdom, which he had promised to Berengar by swearing an oath, and about that of the Franks, which he now realized he could not obtain. Caught between both possibilities, since he could not become king of the Franks, he decided to break the oath he made to Berengar; and having gathered an army as best he could [...] having hastily entered Italy, he approached the inhabitants of Camerino and Spoleto with confidence, as relatives of his; with the help of money he won over even the supporters of Berengar, as they were disloyal. And thus he prepared war against Berengar. Idem, p. 59.

⁶⁷ Idem, p. 57.

⁶⁸ Idem, p. 58.

desleais: apenas após a aparição do dinheiro. Nota-se que o fato de quebrar o juramento não foi considerado desonesto, mas o de aceitar o dinheiro, sim. Portanto, mesmo que não aprova a condição em que o exército de Guido foi formado, Liudprando de Cremona via o ato de reunir tropas como algo legítimo, de que se deduz que, mesmo em situações de conflito e de animosidade, para o narrador, recorrer ao exército era um exercício de legitimidade.

Outro episódio de caráter militar é apresentado pelo bispo de Cremona, no entanto, agora, tendo os Húngaros como protagonistas:

Quando o sol, abandonando o signo de Peixes, ocupou Áries, eles procuraram a Itália, tendo reunido um enorme, inúmero exército. Eles contornaram as altamente fortificadas cidades de Aquileia e Verona e, sem nenhuma resistência, eles chegaram a Ticinum, que agora é chamada por um novo e melhor nome, Pávia. Lá, o Rei Berengario [...] ordenou que se unissem como um, todos os Italianos, os Toscanos, os Volscianos, os Camerinanos, os Espletanos, alguns por meio da escrita, outros por mensagens, e um exército três vezes maior que o dos Húngaros foi formado⁶⁹.

Mais uma vez, apresenta-se a formação do exército como sinal de posse da autoridade. A reunião de tropas é a prerrogativa de autoridade e poder legítimo. Pode-se observar, no fragmento acima, que quem evoca as tropas está exercendo um poder já constituído e não contestado. No decorrer da redação, o cronista diz que o rei Berengário, ao perceber a grandeza de sua tropa, sentiu-se confiante e foi a uma cidade vizinha, ausentando-se do campo de batalha. Ao notar o tamanho do exército que estava formado, os Húngaros fugiram. É importante notar que o cronista apresenta as tropas de Berengário sendo três vezes maior que a dos Húngaros. Sendo assim, não parece haver espaço para maiores dúvidas acerca da concentração de tropas como sinal da concentração do poder real, pois quem as detém parece desempenhar o papel cabível ao bom governante.

⁶⁹ When the sun, abandoning the sign of Pisces, occupied Aries, they sought out Italy, having gathered a vast, numberless army. They bypassed the heavily fortified cities of Aquileia and Verona, and with no one resisting they came to Ticinum, which is now called by a new, better name, Pavia. There King Berengar [...] ordered to come together as one all the Italians, the Tuscans, the Volscians, the Camerinans, the Spoletans, some in writing, some through messengers, and an army three times bigger than the Hungarians' was formed. Idem, p. 80.

Casos como esses indicam uma proporcionalidade – ter tropas é um indicador proporcional da concentração do poder legítimo – que aparece no texto de *Antapodosis* comumente. Em outro trecho, por exemplo, o autor continua com a narrativa acerca do destino do poder em jogo.

O Rei Rodolfo deu sua irmã, Waldrada [...] ao muito poderoso Conde Bonifácio, que mais tarde, em nossos tempos, se tornou o marquês dos Camerinanos e dos Espletanos Este homem, tendo reunido uma tropa, foi em auxílio de Rodolfo junto ao Conde Gariardo [...]. Quase todas as tropas de Rodolfo tinham fugido e as de Berengário, tendo soado o sinal de vitória, [foram surpreendidos] por Bonifácio e Gariado, repentinamente saindo de seus esconderijos, mataram-nos com muita facilidade, pois eram inesperados [...]. O massacre de soldados ocorrido naquela ocasião foi tão grande que há uma grande escassez de soldados até hoje. Uma vez que essas coisas ocorreram deste jeito, o rei Rodolfo, muito efetivamente, subjugou o reino ao seu domínio⁷⁰[25]

Observa-se que o destino da autoridade real estava em jogo. Contudo, com o apoio militar, isto é, com o recrutamento de tropas organizado pelo rei Rodolfo II da Borgonha e com o auxílio das tropas do Conde Bonifácio, o resultado foi a consolidação do poder sobre o reino da Itália. Trata-se de notar a importância do seguinte trecho para a maneira como o narrador compreendia a natureza da disputa de poder: “Uma vez que essas coisas ocorreram deste jeito, o rei Rodolfo, muito efetivamente, subjugou o reino ao seu domínio”, ou seja, com as tropas de Bonifácio, o rei Rodolfo conquistou, subjugou o reino itálico.

Nota-se, mais uma vez, que o enredo do poder é construído avançando pelas seguintes etapas: reunião de tropas, auxílio militar, o triunfo em batalha e, conseqüentemente, a concretização da posse de um poder legítimo – que acabava de se provar legítimo. A vitória de Rodolfo, aos olhos de Liudprando, foi integral, pois ele afirma: “muito efetivamente, subjugou o reino ao seu domínio”. Após a conquista

⁷⁰ King Rudolf gave his sister Waldrada, [...] as a spouse to the very mighty Count Boniface, who later, in our times, became margrave of the Camerinans and the Spoletans. This man, having gathered a host, came to the aid of Rudolf along with Count Gariard[...]. Almost all Rudolf's troops had run away, and those of Berengar, having sounded the victory signal, were occupied collecting the spoils, when Boniface and Gariard, suddenly leaving their hiding places, cut them down all the more easily because they were unexpected. [...] Such a great massacre of soldiers occurred on that occasion that there is a great scarcity of soldiers lasting until today. Idem, p. 104.

territorial, o rei Rodolfo, tendo reunido sua tropa, diz: “Já que eu fui autorizado a chegar ao limiar do reino por generosidade do dom do alto [...], agora é minha intenção recomendar o reino Italiano à vossa generosidade e ir ver minha velha pátria Borgonha”⁷¹ Observa-se que o poder está sólido e eficiente e, por conta de tamanha solidez, o rei formalizaria seu poder e iria em direção a sua “velha pátria”.

Na obra *The complete works of Liupprand of Cremona*, na qual figura a versão analisada da fonte dessa pesquisa, *Antapodosis*, encontram-se também três outras fontes escritas por Liudprando. Nesse momento, usarei uma delas, intitulada *Concerning King Otto*, que narra acerca da ascensão do “grande rei Oto”, por quem o bispo de Cremona nutria grande admiração – e enorme dependência política. Fazendo uma breve contextualização sobre o que se passa nesse documento, o papa João XII, pertencente à família Teofilato, pede ajuda ao monarca Oto, para que este interfira nos assuntos itálicos, pois estava sofrendo pressões por parte da aristocracia local. A figura do papa João XII é bastante singular. O cronista afirma que João XII cometeu os mais sórdidos crimes: estupros, cegou cardeais, matou um diácono, amputou órgãos genitais. Devido a esses pecados, Oto convocou um concílio para iniciar o julgamento do papa. Nesse concílio, a ampla audiência eclesiástica começou a especificar as diversas acusações contra o papa: que incluíam desde celebrar a missa e não comungar a ordenar diáconos nos estúbulos. Porém, o cronista diz que Oto não confiava nas diversas acusações acerca de João, recusando-se a crer na gravidade do que lhe era relatado. E é então que o cronista menciona um argumento muito importante: já que Oto não acreditava nas imputações feitas pelo alto clero romano sobre o Sumo Pontífice, que ao menos confiasse na tropa real. Nas palavras do bispo de Cremona:

Pois se você não aceita nossa fidelidade, pelo menos você deve acreditar nas tropas do senhor imperador, contra quem João atacou cinco dias atrás, cingido com uma espada, carregando um escudo, capacete e peitoral. Apenas o Tibre, que fluía entre eles, evitou que João, enfeitado assim, fosse capturado pelas tropas imperiais”. Imediatamente o santo imperador disse: “Há tantas testemunhas disso quanto há lutadores em nosso exército”⁷².

⁷¹ Since I was allowed to reach the threshold of the kingdom by the generosity of the gift from on high, [...] now it is my intention to commend the Italian kingdom to your fidelity and to go to see my old Burgundian fatherland. Idem.

⁷² For if you do not accept our faithfulness, at least you ought to believe the troops of the lord emperor, against whom John charged five days ago, girt with a sword, bearing a shield, helmet, and breastplate. Only

No trecho apresentado, é importante observar que a tropa é tida como agente de grande credibilidade frente ao concílio contra João e supõe-se que, nesse caso, a força militar pôde ter sido considerada como um fator de peso canônico, decisivo em termos de um veredito eclesial, na decisão do concílio. O caso envolvendo o imperador confirma que, para o narrador, havia uma credibilidade intrínseca em um exército: “há tantas testemunhas disso quanto há lutadores em nosso exército.”. Portanto, fica claro que, na visão de Liudprando, ao participar da força militar, os homens que a compõem têm o papel importante na sociedade cristã, haja vista serem revestidos pela armadura da virtude e coragem, uma vez que se pode observar que os testemunhos dos soldados são mais relevantes do que as declarações feitas pelo alto clero romano – em um concílio que julgava o Papa!

Pode-se observar, a partir das demonstrações acerca da presença das tropas, que Liudprando de Cremona aparentemente enxergava na presença de tropas o sinal da concentração do poder legítimo por parte de quem as convocava. Cabe, agora, recordar a passagem acerca de Guido e Marózia. Marózia estava em equivalência à liderança militar masculina, em igualmente ao sujeito que reivindicava o poder, Guido. Uma suposição é que o cronista poderia não ter citado Marózia em sua redação – ou seja, teria sido possível dizer “as tropas de Guido”, apenas. Mas ele a citou e, a partir dessa menção, é possível indicar que Marózia exercia poder e ocupava o papel ativo de autoridade. Portanto, o cronista tenta insistentemente mostrar que seu poder era ilegítimo, mas, ao ler e comparar essa frase com outras passagens em que o texto cita o poder militar, percebe-se que o mesmo texto funciona como prova de que Marózia detinha, exercia e usufruía tal poder de maneira legítima.

3.2: Uma estratégia comum nas disputas entre os poderosos: a política marital

Outro ponto que minha hipótese articula se refere ao já mencionado fato de Marózia aparecer como detentora de um domínio sobre a definição de seu casamento. O cronista diz o seguinte:

the Tiber, which flowed between them, prevented John, decked out like that, from being captured by the imperial troops.” Immediately the holy emperor said: “There are as many witnesses to that as there are fighters in our army. Idem, pp. 229-30.

Após a morte de seu marido Guido, Marózia, uma meretriz bastante desavergonhada, enviou seus mensageiros ao rei Hugo e o convidou a ir até ela e tomar para si a mais nobre cidade de Roma; e ela afirmou que não poderia ser feito de nenhuma outra forma, a menos que o rei Hugo a fizesse sua noiva⁷³.

Esse mesmo trecho, visto no capítulo anterior como parte de um discurso a respeito da corrupção matrimonial, surge agora como um sinal de identificação do poder legítimo. Um trecho como esse é bastante comum no decorrer da crônica, pois são muitas as passagens em que marqueses, condes e, sobretudo, os reis assumem o papel de propor vínculos matrimoniais a fim de favorecer a própria linhagem. Porém, o que não será habitual na obra do cronista é o que se refere ao fato de uma mulher ser protagonista e responsável pela política matrimonial, como foi exposto acima. Na crônica, os reis são figuras centrais para as organizações conjugais e seu poder é exprimido como típico de um *paterfamilias*. *Paterfamilias* é algo particular à sociedade romana, ao passo que revela seu poder no campo marital (*manus*), sobre os filhos (*patria potestas*) e sobre seus servos (*dominica potestas*), de acordo com o artigo do doutor em Direito Carlos F. A. Perell⁷⁴. O poder do *paterfamilias* é exercido em larga escala sobre os integrantes de uma casa.

Na crônica, com frequência, as demonstrações efetivas de poder estão atreladas aos arranjos maritais e aos rumos que eles proporcionam ao poder político. Ao logo de sua narrativa, o autor apresenta afirmações como essas: “Naquele tempo, o Rei Rodolfo governava os muito arrogantes borgonheses; aconteceu que, para aumentar seu poder, ele se casou com a filha do poderoso duque dos Suábios, [...] chamada Berta”⁷⁵. Em outro tópico, continua: “O Rei Rodolfo deu sua irmã, Waldrada [...], que ainda vive hoje, como esposa do muito poderoso Conde Bonifácio, que mais tarde, em nossos tempos, se tornou marquês dos Camerinos e dos Espoletanos”⁷⁶. Em ambos os casos, há um ponto em

⁷³ After the death of her husband Wido, Marozia, a quite shameless harlot, sent her messengers to King Hugh and invited him to come to her and take for himself the most noble city of Rome; and she affirmed that it could not be done in any other way unless King Hugh made her his bride. Idem, pp. 229-30.

⁷⁴ AMUNATEGUI PERELLO, Carlos Felipe. **El origen de los poderes del “Paterfamilias” I: El “Paterfamilias” y la “Patria potestas”**. Rev. study. hist.-legal., Valparaíso, n. 28, pág. 37-143, 2006.

⁷⁵ At that time King Rudolf ruled over the very haughty Burgundians; it happened that, to increase his power, he married a daughter called Bertha of the mighty duke of the Swabians Burchard. CREMONA, L. of. **The Complete Works ...** op. cit., p. 101.

⁷⁶ King Rudolf gave his sister Waldrada, a [...], who still lives today, as a spouse to the very mighty Count Boniface, who later, in our times, became margrave of the Camerinans and the Spoletans. Idem, p: 104.

comum: a ênfase ao se referir ao poder, ou seja, nos dois acontecimentos, o bispo de Cremona enfatiza o matrimônio como marcador de poder, sua linguagem parece pensada para impressionar.

Há dois trechos na passagem em que se pode notar que ocorre esse registro de poder: “para aumentar seu poder, ele casou com a filha do poderoso duque dos Suábios”; e, em outra parte, “esposa do muito poderoso Conde Bonifácio”. Percebe-se que a posição do duque dos Suábios e do Conde é bem demarcada ao se usarem as expressões “poderoso” e “muito poderoso”. Desse modo, nota-se que o cronista emprega intensidade ao especificar os títulos nobiliárquicos que estão envolvidos nos arranjos matrimoniais. Sendo assim, é possível, também, notar dois posicionamentos diferentes que o rei Rodolfo demonstra: primeiro, ele entra no círculo do duque da Suábia mediante o casamento com a filha do duque; e, depois, ele atrai o conde Bonifácio para o seu círculo, entregando a mão de sua irmã. Contudo, o que deve ser evidenciado é a percepção que, provavelmente, o cronista possuía acerca desses arranjos. Liudprando imprimi uma ênfase maior no poder que o casamento traria, dado que, para o rei Rodolfo, casar-se com a filha do duque aumentaria seu poder real e, também, garantiria benefícios a sua linhagem, entregando a sua irmã ao conde. Com isso, pode-se concluir que a política matrimonial teve como base a busca da solidificação do poder que viria por meio dessas relações conjugais.

Liudprando de Cremona prossegue em sua redação acerca da política matrimonial: “Além disso, Romano, no mesmo ano em que foi feito ‘pai do imperador’, deu sua filha Helena como esposa de seu pequeno senhor imperial Constantino Porfirogênito”⁷⁷. É preciso esclarecer que Romano I Lecapeno foi imperador bizantino de 920 a 944. Antes de se tornar imperador, foi nomeado “comandante das forças navais”⁷⁸. Dessa forma, aos poucos, Romano foi fortalecendo seus laços e a lealdade à coroa bizantina. Após a morte do pai de Constantino VII Porfirogênito, Romano junta-se com Zoé Zautsina, imperatriz bizantina, mãe de Constantino e, como fruto dessa relação, Romano é reconhecido pelo povo bizantino como “pai do imperador”, pai não biológico, do pequeno imperador bizantino. Esse título de “pai do imperador” significa “basileopátōr [que é] o tutor do

⁷⁷ Moreover, Romanos, in the same year during which he was made “father of the emperor,” gave his daughter Helena as a wife to his small imperial lord Constantine Porphyrogenitus. Idem, p.125.

⁷⁸ Idem, p. 122.

soberano, com plenos poderes administrativos”⁷⁹. Essa denominação foi criada e reconhecida pelo Império Bizantino. Contudo, ao longo da crônica, o autor apresenta um arranjo familiar ao seu leitor: o do monarca como aquele que dita a direção das relações matrimoniais. Pode-se observar, mais uma vez, que o cronista parece predisposto a dizer que a política marital é símbolo de consolidação, especificamente, de poder monárquico, como apresentado: Romano entrega sua filha ao “pequeno [imperador] Constantino”. Percebe-se que Romano procura cimentar cada vez mais seu poder no Império Bizantino por meio, agora, do casamento de sua filha com o seu “filho adotivo”, que se tornaria imperador legítimo, Romano; possivelmente, acreditava que Constantino poderia tirá-lo do círculo imperial, já que não possuíam laços sanguíneos.

A política matrimonial, observa-se, não ficava retida apenas à família nuclear: pai, mãe e filhos, mas se estendia a toda linhagem. Nesse ponto, identifica-se o poder do *paterfamilia*. Outro caso também é mencionado pelo autor:

Naquela mesma época, o Simeão Búlgaro começou a afligir vigorosamente os argivos. Romano, tendo dado a filha de seu filho Cristovão como esposa para o filho de Simeão, Pedro, que ainda está vivo, conteve-o da violência que ele havia lançado e o aliou a si mesmo com um tratado. Por isso a menina foi chamada de Irene, por um nome alterado, porque através dela uma paz muito sólida foi estabelecida entre búlgaros e gregos⁸⁰.

Os Balcãs, no início do século X, eram dominados por duas grandes forças: o Império Bizantino e o Império Búlgaro. Cristovão foi nomeado por seu pai, Romano I, co-imperador bizantino. Porém, após um tempo, Cristovão morre. Todavia, Romano dá a mão de sua neta a Pedro I da Bulgária. Destaca-se um ponto nesse trecho exposto: primeiro, a extensão que o poder do *paterfamilias* tem “sobre todos os membros da família, com autoridade sem limites”⁸¹, que o imperador Romano o usufrui ao entregar sua neta a Pedro I. O casamento realizado entre Pedro e Irene Lekapenos foi um pretexto

⁷⁹ GOUVEIA, João M. (Org.). **História concisa do Império Bizantino**: (das origens à queda de Constantinopla). In: GOUVEIA MONTEIRO, João (Org) *et al.* O sangue de Bizâncio: Ascensão e queda do Império Romano do Oriente. Coimbra: Coimbra University Press. p. 77.

⁸⁰ At that same time the Bulgarian Symeon began vigorously to afflict the Argives. Romanos, having given the daughter of his son Christopher as a wife for Symeon’s son Peter, who is still alive, restrained him from the rampage he had launched, and allied him to himself with a treaty. Whence the girl was called Irini, by a changed name, because through her a very solid peace was established between Bulgarians and Greeks. CREMONA, L of. **The Complete Works ...** op. cit., p.129.

⁸¹ PATERFAMILIAS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/epico/subjetivacao/tempo/velhice-pater-familias.html>. Acesso em: 30 abr.de 2021.

decisivo para o governo de Romano, uma vez que essa política matrimonial era uma tentativa de reorientar a relação entre os búlgaros e bizantinos. O casamento, no caso de Irene e Pedro I, foi apresentado como vínculo de grande poder diplomático que possibilitou selar a paz. Vale ressaltar que o casamento, aqui, exerceu um grande impacto no poder externo entre os grandes Impérios que dominavam os Bálcãs.

Dessa maneira, constata-se que, aos olhos de Liudprando, o poder matrimonial está trançado aos interesses que a monarquia poderia favorecer. Dando sequência aos casos apresentados, passo a outro:

Finalmente, esperando que ele pudesse enganar Alberico com sua astúcia, Hugo insinuou-lhe que ele poderia ter Alda em casamento, sua filha e irmã de seu filho rei Lotário, e que, tendo obtido a paz desta forma, ele poderia permanecer seguro como se ele fosse o próprio filho de Hugo⁸².

Em síntese, Alberico II, que aparece no trecho, é filho legítimo de Marózia e Hugo, seu padrastrô. Alberico II é filho do marquês Alberico I. Em 932, Hugo casa-se com Marózia, uma relação que, de acordo com o historiador Paul Collins, Alberico não aprovava, pois, devido ao novo casamento de sua mãe, a sucessão de Alberico à frente do poder romano e seus direitos estavam em risco. Contudo, há um acontecimento que faz mudar o rumo da história. Diz Liudprando que, certo dia, enquanto Alberico derramava a água para que Hugo lavasse as mãos, o rei esbofeteou-o por não ter derramado a água de maneira respeitosa. A partir desse episódio, Alberico incitou os romanos a se rebelarem contra o rei Hugo e, ao se dirigir aos “cidadãos”, teria indagado: se o rei batera em seu enteado, o que poderia fazer ao “povo romano”? Conforme Collins, “Alberico logo foi líder de um golpe revolucionário”⁸³. Em seguida, o Rei Hugo fugiu, e Alberico passou a governar Roma. Collins afirma que Alberico possuía o título de “*Vertararius*, que o tornava alto funcionário da cúria papal, e *primus senator nec non unicus dux Romanorum*, ‘primeiro senador e o único líder dos romanos’”⁸⁴.

⁸²At last, hoping he might deceive Alberic with his craftiness, Hugh intimated to him that he might take Alda in marriage, his daughter and sister of his son King Lothar, and that, having obtained peace this way, he could remain secure as if he were Hugh’s own son. CREMONA, L of. **The Complete Works ...** op. cit., p. 141.

⁸³ COLLINS, Paul. **The Nadir of the Papacy...** op. cit., p. 72.

⁸⁴ Idem, p: 73.

No fragmento da crônica, Hugo oferece sua filha a Alberico, mesmo que antes estivessem em contendas. Conjectura-se que, para o cronista, essa tentativa de arranjo conjugal é uma maneira de, por meio desse matrimônio entre a filha de Hugo e Alberico, atrelar Alberico à obediência ao rei Hugo. Nota-se que Hugo, como aparece no texto, tenta construir um vínculo político através do casamento, tentando, com isso, assegurar a subserviência do principal senhor romano.

Dando continuidade ao trecho, Liudprando prossegue: “Assim, Alberico, como não era um homem tolo, juntou-se à filha de Hugo em casamento, mas ele não entregou Roma, pela qual Hugo tanto cobiçava”.⁸⁵ Podem-se notar dois pontos de vista nessa trama: o primeiro, do rei Hugo. Ele, aparentemente, age com a pretensão de que, por intermédio do casamento de sua filha com Alberico, este, com grande poder em Roma, pudesse lhe entregar a cidade. A segunda perspectiva é do líder romano, Alberico. Supõe-se que Alberico tinha em vista apenas a pacificação de relação entre o rei e ele. Alberico aparece em cena aceitando o casamento. Todavia, ele não permitiu que o vínculo transformasse Roma em terra subordinada ao rei Hugo. Na maneira como narra o cronista, a relação marital era uma prerrogativa estratégica, pois Alberico percebe que, ao se casar com Alda, amenizaria o conflito sem, necessariamente, permitir que o poder chegasse às mãos do sogro. Portanto, a política matrimonial, nessa situação, é narrada como habilidosa e capaz de colocar em jogo diferentes interesses de poder.

O autor continua sua exposição acerca dos arranjos matrimoniais. Dessa vez, ele apresenta o rei Oto, o qual toma como esposa Edite, filha de um irmão do rei Hadelstan: “Este mesmo Rei Oto, antes de assumir a realeza, tinha tomado como esposa para si uma mulher chamada Edite, da muito nobre nação inglesa, filha de um irmão do rei Hadelstan, e com ela ele tinha um filho chamado Liudolfo”⁸⁶. Conforme a exposição, o casamento é identificado como mecanismo de poder. No decorrer da crônica, o bispo de Cremona enfatiza o casamento atrelado ao poder. Sendo assim, outra questão que pode ser deduzida por meio desse trecho é que, possivelmente, para Liudprando, o casamento credenciava o rei à monarquia, ou seja, que, antes de se tornar-se rei, ele deveria cumprir o

⁸⁵ Thus Alberic, as he was not a foolish man, joined Hugh’s daughter to himself in marriage, but he did not hand over Rome, for which Hugh so lusted. CREMONA, L of. **The Complete Works ...** op. cit., p. 141.

⁸⁶ This same King OTTO, before assuming the kingship, had taken as a wife for himself a woman named Edith, from the very noble English nation, daughter of a brother of King Hadelstan, and with her he had a son named LIUDOLF. Idem, p: 152.

compromisso de se casar. Pode-se verificar, na frase “este mesmo Rei Otto, antes de assumir a realeza, tinha tomado como esposa [...] a chamada Edite” que o casamento é a etapa inicial para o ofício monárquico.

O cronista discorre sobre outro caso do rei Hugo, o qual salienta as redes conjugais que ele criou. Nas palavras do cronista,

Em seguida, o rei Rodolfo dos borgonheses morreu. Como [sua esposa] Alda, mãe de seu filho Rei Lotário, havia morrido, o rei Hugo ligou-se em casamento com a viúva de Rodolfo, chamada Berta; mas ele também garantiu para seu filho, o rei Lotário, a filha de Rodolfo e esta mesma Berta como esposa, uma menina chamada Adelaide, que era ao mesmo tempo muito virtuosa na forma e graciosa na probidade de seus caminhos.⁸⁷.

Conforme apresentado, percebe-se a organização do matrimônio que o rei Hugo constrói. Ele surge usando o casamento para garantir o poder real, uma vez que arranjou o matrimônio para si e o “garantiu para seu filho”. Pode-se afirmar que, para o autor, o casamento é um grande emanador e consolidador de poder real. Isso pode ser observado no fragmento acima. Desse modo, Hugo produz, com sua astúcia, uma rede de casamentos com a finalidade de aumentar e garantir seu poder monárquico.

Assim sendo, retornemos ao caso de Marózia, que foi apresentado no início desse tópico (o fato de ela propor casamento ao rei Hugo). Tudo indica que Marózia agia como sujeito principal da política matrimonial romana. Por mais que o cronista a envolva em impropérios, não há como deixar de lado o fato de que ela exercia a prerrogativa de executar a relação matrimonial. Ao analisar o comportamento desta personagem acerca de sua política conjugal, conjectura-se que não havia diferença do procedimento de todos os reis citados. Ambos tinham autoridade e incorporavam maior campo de ação política ao orquestrar seus casamentos. No plano de poder, Marózia também pode ser situada assim a partir da mesma narrativa que a inferioriza e denigre. Contudo, o cronista nos apresenta um fator importante ao configurar o período em que Marózia e sua família estiveram no poder: o bispo de Cremona o denomina como governo das meretrizes. No

⁸⁷ Next, King Rudolf of the Burgundians died. As [his wife] Alda, mother of his son King Lothar, had died, King Hugh linked himself in marriage with Rudolf’s widow, named Bertha; but he also secured for his son, King Lothar, the daughter of Rudolf and this same Bertha as a spouse, a girl named Adelheid, who was both most virtuous in form and gracious in the probity of her ways. *Idem*, p. 149.

que concerne a “meretriz”, tudo que temos é a acusação do cronista; já no que se refere a “governo”, essa é a maneira dele de ler a realidade.

3.3: *A autoridade habita castelos: as fortificações como sinal do poder legítimo*

Outro ponto acerca dos sinais de poder em torno de Marózia é o que se refere às fortificações. As fortificações medievais tinham a função de necessidade prática, isto é, de proteção e domínio territorial. “As fortalezas destinavam-se a prevalecer na paisagem como sinais de poder e polos de regramento da ocupação populacional”⁸⁸. Dessa maneira, o castelo é o reflexo da autoridade sob a sociedade hierarquizada. À vista disso, Liudprando de Cremona faz a seguinte afirmação a respeito delas:

Na entrada da cidade romana há uma certa fortificação, construído com uma habilidade maravilhosa e de uma força extraordinária; antes da sua porta de entrada é construída uma ponte muito preciosa sobre o Tibre, que pode ser atravessada por quem entra e sai de Roma, e não há outra rota a não ser através dela. No entanto, nenhuma travessia pode ser feita a não ser com a permissão daqueles que guardam a fortificação. O rei [Hugo], tendo deixado o seu exército longe por causa da segurança desta fortificação, veio a Roma com alguns homens; [...] retirou-se para o leito da prostituta Marózia na fortificação mencionada há pouco.⁸⁹

Podemos notar, no decorrer da crônica, que menções como essa são comuns. As fortificações são aí caracterizadas como elemento da linguagem que expressa o poder legítimo e efetivo. Assim sendo, ao longo da narrativa, ele cita diversas fortificações em Verona, Bavária, Itália, Lotaríngia e em outros territórios que serviam “perfeitamente como instrumento para reforçar a figura de poder e controle da nobreza, que buscava transmitir uma imagem durável de auctoritas”⁹⁰.

Diante da imensidão de casos, serão apresentados apenas os que considere os mais expressivos a respeito das fortificações como símbolo de poder efetivo e legítimo.

⁸⁸ CRUXEN, Edison Bisso. **Ainda sobre a cultura material e seus múltiplos enfoques**. A fortificação medieval como documento histórico arquitetônico e símbolo de poder, Caxias do Sul, v. 8, ed. 16, p. 249-265, jul./dez 2009. p.253.

⁸⁹At the entrance of the Roman city there is a certain fortification, built with wondrous craft and of wondrous strength; before its gateway there is built a very precious bridge across the Tiber, which can be crossed by those coming to and departing from Rome, and there is no other route except across it. No crossing, however, can be made unless with the permission of those guarding the fortification. At length the king [Hugh], having left his army far away because of the security of this fortification, came to Rome with a few men; [...] he retired to the bed of the prostitute Marozia in the fortification mentioned just now. CREMONA, L of. **The Complete Works ...** op. cit., p.134.

⁹⁰ CRUXEN, Edison Bisso. **Ainda sobre a cultura material ...** op. cit., p. 254.

O primeiro será o do conde Adalberto. Por volta do ano 900, nobre marquês dos Toscanos e “um grande herói”, conforme o cronista o apresenta, ele se rebela contra o rei Luís IV. Essa revolta de Adalberto contra o rei perdurou por sete anos. Contudo, o bispo de Cremona diz que, para que o “grande herói” fosse capturado, o rei precisava conseguir que ele se ausentasse da fortificação, pois, enquanto ele vivesse próximo a ela, o conde seria imbatível no campo de batalha. Conforme Liudprando de Cremona escreve: “Os soldados do rei, [...] precedendo o rei, estavam considerando como seduzir Adalberto de seu castelo com um encontro preliminar e matá-lo”⁹¹. Em razão disso, o monarca notou que só venceria o rebelde através da traição. Desse modo, o rei Luís conversou com o arcebispo da Sé de Mainz, Hatto, o qual era seu padrinho e íntimo conselheiro. Desse diálogo, o arcebispo arquitetou uma emboscada, que tinha como intuito a retirada do conde Adalberto da fortificação com vida e sua condução ao rei Luís. Hatto age da seguinte forma: o arcebispo conquista a confiança de Adalberto e diz que o rei precisaria vê-lo. Porém, para fazê-lo sair da fortificação, ele, Hatto, garantiu que Adalberto poderia partir e que voltaria em paz. O marquês, acreditando em suas palavras, após a conversa entre eles, e “lubrificado pelo doce mel do louvor”⁹², chamou o arcebispo para um belo jantar. Hatto não desfrutou da refeição. Em seguida, Adalberto, acreditando na promessa, deixa a fortificação ao lado do arcebispo. Pouco depois de saírem, Hatto se queixa de que precisava se alimentar, pois não havia jantado. Então, eles retornam ao castelo e, logo após a refeição, novamente, saem de lá. Ao retornar à estrada, o “grande herói” é capturado e levado à decapitação. No momento da captura, Hatto dirige-se da seguinte forma a Adalberto: “Eu prometi que você seria levado para fora de seu castelo tão vigoroso e forte quanto seria levado de volta; e eu percebi que eu tinha feito isso quando eu levei você de volta ao castelo são e salvo logo após de ter levado você para fora”.⁹³

Há alguns sinais que podem ser analisados acerca desse episódio. O primeiro é o que diz respeito ao fato de as batalhas serem próximas às fortificações. “O referido herói preparou-se para a batalha com ele [rei Luís] não perto do castelo, como a maioria das

⁹¹The soldiers of the king, [...] preceding the king, were considering how to entice Adalbert from his castle with a preliminary encounter and kill him. CREMONA, L of. **The Complete Works ...** op. cit., p. 77.

⁹² Idem, p. 78.

⁹³I promised you would be led out from your castle just as hale and hearty as you would be led back; and I perceived I had done that when I led you back into the castle safe and sound right after having led you out. Idem, p. 79.

peessoas está habituada a fazer, mas afastado da fortificação”⁹⁴. Adalberto usou esse senso comum como artífice para desnortear os inimigos, pois ele agiu de maneira contrária, surpreendendo os adversários com batalhas distantes da fortaleza. Contudo, o cronista mostra que o desempenho militar assegurado pela posse de uma fortificação se reproduzia mesmo à enorme distância dela. Em outros termos, o cronista sugere que Adalberto, ao sair de sua fortaleza, estendia o poder militar, que permanecia decisivamente concentrado lá; era como se o poder vindo das fortificações o seguisse até o campo de batalha.

Em outro trecho, consta o seguinte: “Portanto, quando o herói Adalberto tinha resolutamente realizado sua rebelião dessa forma por sete anos, Luís, sabendo que nunca conquistaria a força da audácia daquele homem, exceto por meio de algum engano”⁹⁵. Luís percebeu que conseguiria acabar com o conflito que durava sete anos afastando Adalberto da fortificação por meio de um engano. Ou seja, era preciso não apenas distanciá-lo, mas romper, de algum modo, o vínculo simbólico – o “espírito militar”, por assim dizer – que o conde mantinha quando deixava a fortaleza para travar batalhas.

Outro caso:

Por fim, Guido, incapaz de resistir ao golpe, começou a fugir em direção a Camerino e Espoleto. Sem demora, o rei o perseguiu avidamente, conquistando à força cidades e castelos e todos os que resistiam a ele. Não havia castelo, mesmo um fortificado pela própria natureza, reparado para resistir por muito tempo a sua força. E isso não é surpresa, pois a própria rainha de todas as cidades, ou seja, a grande Roma, não conseguiu sustentar seu impulso.⁹⁶

Esse caso trata do momento em que o Rei Arnulfo envia seu filho em auxílio das tropas de Berengário, que vão na direção de Pávia para batalhar contra Guido. Guido, príncipe nobre italiano, fortifica o leito do rio que se chamava Vernavola e o faz de tal modo que se tornou impossível travar qualquer luta aí, por conta do curso do rio. Percebe-

⁹⁴The aforementioned hero prepared for battle with him [rei Luís] not near the castle, as most people are accustomed to do but removed from the fortification. Idem, p. 77.

⁹⁵ Therefore, when the hero Adalbert had resolutely carried out his rebellion in this way for seven years, Louis, knowing he would never conquer the strength of that man’s audacity except through some deception. Idem.

⁹⁶ Finally Wido, unable to withstand this thrust, began to flee toward Camerino and Spoleto. Without delay the king chased him eagerly, conquering by force cities and castles and all that resisted him. There was no castle, even one fortified by nature itself, prepared to resist his strength for long. And this is no surprise, as the very queen of all cities, that is, great Rome, could not sustain his thrust. Idem, p. 61.

se que Guido transforma o rio que banhava Pávia em fortificação. Por conta disso, ele dirigiu o sentido da batalha por intermédio da fortificação feita, acumulando um poder decisivo sobre o território. Seguindo com a crônica e conforme apresentado na passagem acima, pode-se observar outro ponto: o poder do rei Arnulfo da Caríntia se expressava através da conquista de fortificações. Ao conquistar castelos e cidades por meio da força, seu poder conseqüentemente vai tomando maior proporção. Observa-se que, ao conquistar as fortificações próximas a Roma, seu poder sobre a própria cidade já está consolidado. Segue-se o trecho que melhor expressa tal ideia: “e isso não é surpresa, pois a própria rainha de todas as cidades, ou seja, a grande Roma, não conseguiu sustentar seu impulso”. De acordo o historiador Edilson Cruxen, “os castelos assumiram funções de organização militar, social, econômica, política e administrativa, mas sempre apareceram como principal residência das autoridades”⁹⁷. E isso pode ser observado nesse acontecimento, o castelo como o poder amplo.

Cito outro caso. Dessa vez, com Bucardo, duque dos suábios e o rei Rodolfo. O duque, reunindo sua tropa, foi ao encontro do rei em Ivrea. Ao chegar a Milão, Bucardo foi à igreja do mártir Lourenço rezar. Liudprando, no entanto, faz um comentário expressando outra possibilidade. Alguns dizem que – “como a igreja fica perto da cidade, construída com uma habilidade maravilhosa e preciosa – ele queria construir uma fortificação na qual estava determinado a aprisionar não apenas os milaneses, mas muitos príncipes da Itália”⁹⁸. Ao caminhar ao redor dos muros da cidade, Bucardo falou aos seus homens:

Eu não sou Burcardo se não fizer todos os italianos usarem apenas uma espada e montarem uma égua disforme. Não estimo como nada a resistência desta parede deles e a sua altura, com a qual contam para se protegerem. Vou derrubar meus adversários da parede, mortos, com um golpe de minha lança⁹⁹.

⁹⁷ CRUXEN, Edison Bisso. **Ainda sobre a cultura material ...** op. cit., p. 254.

⁹⁸ As the church is close to the city, built with wondrous and precious craftsmanship—he wanted to build a fortification there in which he was determined to imprison not just the Milanese but many princes of Italy. CREMONA, L of. **The Complete Works ...** op. cit., p.116.

⁹⁹ I am not Burchard if I do not make all the Italians use only one spur and ride a shapeless mare. I esteem as nothing the strength of this wall of theirs and its height, by which they count on protecting themselves. I will cast my adversaries down from the wall, dead, with a blow of my spear. Idem, pp. 116-117.

O que se pode observar nesse trecho é a maneira singular com que a fortificação é apresentada. A fortificação, no primeiro momento, é considerada como palco do poder. Bucardo afirma que irá construir uma fortificação para aprisionar os milaneses e muitos príncipes italianos. A fortificação, nesse caso, é reconhecida como reserva de poder real, tanto bélico e como simbólico. Prosseguindo na análise, nota-se que, quando Burcado fala à tropa, a fortificação é representada como símbolo máximo de poder, algo que lembra uma frase como a seguinte, do arqueólogo, acadêmico medievalista, Ricardo Francovich: “o castelo é a espinha dorsal do sistema de organização”¹⁰⁰. Segundo o autor, ele quer construir uma fortificação e usá-la como palco da subordinação dos italianos. No decorrer da leitura, percebe-se que Bucardo, alemão, procura insultar o que os italianos têm de melhor: as suas fortificações. É válido analisar, nesse caso, que a posse da fortaleza é considerada como linguagem do poder legítimo. As fortificações aparecem constantemente na crônica. Tal importância remonta ao que os historiadores designam como *Incastellamento*, que consistiu em “movimentos de reorganização espacial em torno de fortificações e a transformação dos assentamentos rurais entre os séculos X e XII”¹⁰¹. Logo, exercer controle sobre fortalezas era uma questão social de controle e efetivação do poder e, acima de tudo, de ministrar força territorial e compor a linguagem de poder.

Depreende-se, ao final desse capítulo, que, a partir da reunião de tropas, da política marital e do usufruto das fortificações, há um conjunto expressivo de sinais perceptíveis a respeito da natureza e do modo do poder de Marózia, senhora do Castelo de Santo Ângelo. Como sinais, tais evidências proporcionam acesso a outra narrativa no interior da narrativa que transformou Marózia em uma figura maldita e débil. Em outras palavras, a crônica que desqualifica esse personagem do século X é um depósito de textual de indícios para uma leitura alternativa, que nos coloca diante de outros cenários políticos. De outra história.

¹⁰⁰ Francovich Riccardo. **L'incastellamento e prima dell'incastellamento**. In: «L'incastellamento». Atas das reuniões de Giirona. Roma: Escola Francesa de Roma, 1998.p. 14.

¹⁰¹ POLLI, Kátia Regina. **O espaço da Idade Média: um estudo histórico historiográfico**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2011. p. 12.

Considerações Finais

Essa pesquisa permitiu realizar uma análise metodológica acerca da complexidade narrativa da obra de Liudprando. A monografia foi, essencialmente, um exercício metodológico aplicado, através do qual pôde-se chegar ao resultado de que a personagem analisada, Marózia, exercia poder legítimo e efetivo na política romana do século X. A pesquisa percorreu dois pontos: 1) os estereótipos arraigados no discurso do cronista, vindos de uma tradição cristã, e 2) os motivos que levaram à mobilização desse discurso específico, explorando, para isso, os sinais de uma trama política mais complexa na própria narrativa do que fica evidente quando se percorre somente os trechos dedicados à figura de Marózia. Dessa maneira, chegamos à conclusão de que Marózia era uma figura detentora de um poder expressivo. .

Este trabalho, por intermédio da prática metodológica inspirada no método indiciário proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, permitiu analisar a maneira como o cronista narra Marózia na obra *Antapodosis*, e perceber que, por trás desse carregado discurso misógino, operava a construção de uma outra narrativa acerca da personagem, uma vez que, encontrando pormenores, sinais que, nem sempre foram explícitos, indicaram uma possível reformulação da maneira como o próprio bispo Liudprando caracterizava a figura de Marózia. Nesta pesquisa, procuramos observar a fonte de uma outra maneira, com outro olhar. Com isso, buscamos apresentar uma leitura alternativa da obra de Liudprando, a qual, para ser construída, não se valeu da utilização de outro tipo de documento, mas apenas da mudança dos eixos de interpretação. Dessa maneira, ao encontrar os sinais que estavam sutis na obra, pudemos construir outra Compreensão histórica. Compreensão que não implicava uma mudança no reconhecimento da narrativa do cronista tampouco a significação do contexto, mas apenas o prisma investigativo adotado, o de um exercício metodológico diferenciado.

Dessa maneira, conclui-se, nesta pesquisa, a possibilidade de que o documento *Antapodosis* ofereça a possibilidade de extrair novas interpretações sem a necessidade de se recorrer a outras fontes, sobrepondo outros documentos à sua própria narrativa. Com o uso de uma metodologia especialmente pensada para se buscar os significados de um personagem como Marózia, consegue-se extrair mais informações pertinentes à pesquisa

do que a própria bibliografia especializada indica à primeira vista. Assim, a documentação utilizada nessa pesquisa abre espaço para possíveis novas interpretações ao campo historiográfico, como atribuição de novos temas e novas temáticas dentro do recorte da obra.

Referências Bibliográficas

Fontes:

CREMONA, L. of. **The Complete Works of Liudprand of Cremona**. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2007. Tradução de: Paolo Squatriti.

Fonte em latim: <https://daten.digitale-sammlungen.de/bsb00006691/images/index.html?fip=193.174.98.30&seite=20&pdfseitex=> .

BIBLIOGRAFIA

AMUNATEGUI PERELLO, Carlos Felipe. **El origen de los poderes del “Paterfamilias” I: El “Paterfamilias” y la “Patria potestas”**. In: SCIELO – Scientific Electronic Library Online. Rev. study. hist.-legal., Valparaíso, n. 28, pág. 37-143, 2006. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-54552006000100002&lng=es&nrm=iso > 2. Acesso em: 9 abr. 2021

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América**. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2006.

Bíblia. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução Euclides M. Balancin et. al. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BUTLER, Sara M. **Violence and Murder in Europe: how violent were the middle ages?** In: GORDON, Matthew S. *et al* (ed.) **The Cambridge World History of Violence**. 2. vol. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. Cap. 3. p. 330-346. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/cambridge-world-history-of-violence/violence-and-murder-in-europe/E1FFC7F84D135C5AD5B1A9F6A519F27A/core-reader>. Acesso em: 01 de maio de 2021

BROCHADO, Cláudia Costa. **Evangelhos em feminino: interpretações de uma escritora medieval ibérica**. In: SCIELO – Scientific Electronic Library Online. Cad. Pagu, Campinas, n. 4, p. 371-392, Jan/June2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100371&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2021

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Tradução: Vera Ribeiro.

CASALI, Arnaldo. **Marozia, ape Regina dela Pornocrazia**. In: **Festival del Medioevo**. Disponível em: <https://www.festivaldelmedioevo.it/portal/marozia-ape-regina-della-pornocrazia/>. Acesso em: 03 de maio de 2021

COLLINS, Paul. **The Nadir of the Papacy**. In: **The Birth of the West: Rome, Germany, France, and the Creation of Europe in the Tenth Century**. First Edition. ed. United States: PublicAffairs, 2013

CRUXEN, Edison Bisso. **Ainda sobre a cultura material e seus múltiplos enfoques.** A fortificação medieval como documento histórico arquitetônico e símbolo de poder, Caxias do Sul, v. 8, ed. 16, p. 249-265, jul./dez 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/960/681>. Acesso em: 20 abr. de 2021

DESCHNER, **Karlheinz.** **Historia criminal del cristianismo: Siglo X: Desde las grandes invasiones normandas hasta la muerte de Otón II.** Barcelona: Ediciones Martínez Roca, S. A., 1998.

DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores: História dos papas.** Segunda Edição. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

Francovich Riccardo. **L'incastellamento e prima dell'incastellamento.** In: «L'incastellamento». Atas das reuniões de Girona. Roma: Escola Francesa de Roma, 1998. p. 13-20.

GINZBURG, Carlos. **Sinais raízes de um paradigma indiciário.** In: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. 4^a reimpressão. 1989. São Paulo: Companhia das Letras.

GOUVEIA, João M. (Org.). **História concisa do Império Bizantino: (das origens à queda de Constantinopla).** In: GOUVEIA MONTEIRO, João (Org) *et al.* O sangue de Bizâncio: Ascensão e queda do Império Romano do Oriente. Coimbra: Coimbra University Press, v. 3. cap. 1, p. 17 -166

LAROCCA, Cristina. **Liutprando da Cremona e Il paradigma femminile di dissoluzione dei Carolingi.** In: LAROCCA, Cristina. *Agire da Donna: modelli e pratiche di rappresentazione (secoli VI - X).* Padova: Brepols, 2007.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval;** tradução José Rivair de Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2005.

LIUTPRANDO DI CREMONA. In: **Dizionario Biografico degli Italiani.** Treccani, 2008. 65 vols. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/liutprando-di-cremona_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/liutprando-di-cremona_(Dizionario-Biografico)/). Acesso em: 03 mar. de 2021

LÖBLEIN, Horst. **Royal Power in the Late Carolingian Age: Charles III the Simple and His Predecessors.** Colônia: Modern Academic Publishing, 2019.

Marozia, **La Papessa Della Pornocrazia.** In: Il Nuovo Mondo di Galatea. 4 fev. 2014. Disponível em: <https://galateavaglio.com/2014/02/04/marozia-la-papessa-della-pornocrazia/>. Acesso em: 03 de maio de 2021

MAROZIA. In: **Dizionario Biografico degli Italiani.** Treccani, 2008. 70 vols. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/marozia_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/marozia_(Dizionario-Biografico)/). Acesso em: 03 de maio de 2021

MONACO, Annalisa. **Marozia: l'ultima Imperatrice dela "Pornocrazia Romana"**. In: Vanilla Magazine. Disponível em: <https://www.vanillamagazine.it/marozia-l-ultima-imperatrice-della-pornocrazia-romana/>. Acesso em: 03 maio de 2021

MCLEAN, Simon. **Kingship and Politics in the late Ninth Century**: Charles the Fat and the end of the Carolingian Empire. New York: Cambridge University. First Edition, 2003.

PATERFAMILIAS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/tempo/velhice-pater-familias.html>. Acesso em: 30 abr.de 2021

PIRES, J. D. A. **Misoginia medieval: a construção da justificação da subserviência feminina a partir de Eva e do pecado original**. Faces da História, v. 3, n. 1, p. 128-142, 29 ago. 2017.

PIMENTAL, Maria E. Helmer. Agostinho de Hipona: **O matrimônio, o sexo e a privação do prazer**. Caderno de Anais, Universidade Federal do Espírito Santo.

POLLI, Kátia Regina. **O espaço da Idade Média: um estudo histórico historiográfico**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2011.

RANKE – Heinemann, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. 2. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

SANTOS, Armando. **O vício capital da inveja, leitmotiv e fio condutor de "Curial e Guelfa"** - Análise da tradução ao português e estudo cultural e sintático-semântico. 2018. 560 f. Tese, Programa de Doutorado "Transferencias Interculturales e Históricas en la Europa Medieval Mediterránea". Escuela de Doctorado de la Universidad de Alicante, 2018. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/88732/1/tese_armando_alexandre_dos_santos.pdf. Acesso em: 12 abr. de 2021.

SOUZA, Edilson Alves. **O pensamento misógino medieval em confissões, de Santo Agostinho**. XI Encontro Internacional de Estudos Medievais. Imagens e Narrativas. Universidade Estadual de Goiás. http://abrem.org.br/revistas/index.php/anais_eiem/article/viewFile/273/233.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Suma de Teología I: Parte I. 4. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

ZUBIRÍA, Susana Castellanos. **Mujeres perversas de la historia**. Bogotá: Editorial Norma, 2008.

Declaração de Autenticação

Eu, Gabriela da Silva Santos, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado **Sinais de Marózia: narrativa e relações de poder na obra *Antapodosis* (c.962), de Liudprando de Cremona** foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.


